

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DESEDUCAÇÃO VISCERAL: COMPOSTAGENS E DECOMPOSIÇÕES

GUILHERME SCHRÖDER

PORTO ALEGRE
INVERNO 2017

Guilherme Schröder

**DESEDUCAÇÃO VISCERAL:
COMPOSTAGENS E DECOMPOSIÇÕES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prfª Drª Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Linha de Pesquisa: Filosofia da Diferença e Educação.

Porto Alegre 2017

Guilherme Schröder

**DESEDUCAÇÃO VISCERAL:
COMPOSTAGENS E DECOMPOSIÇÕES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 06 de julho de 2017

Prf^a. Dr^a. Paola Basso Menna Barreto Zordan (orientadora)

Prf^a. Dr^a. Sandra Mara Corazza (UFRGS)

Prf^o. Dr^o. Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

Prf^o. Dr^o. Guilherme Carlos Correa (UFSM)

Schröder, Guilherme
Deseducação Visceral: compostagens e decomposições. /
Guilherme Schröder. -- Porto Alegre, 2017.
104 f. : il

Orientador: Paola Basso Menna Barreto Zordan.
Dissertação (Mestrado - Pós Graduação em Educação) --
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, 2017.

1. . I. Basso Menna Barreto Zordan, Paola. II. Título.

Resumo

Esta dissertação se apresenta por três movimentos básicos.

Crítico: os resquícios do militante, ainda insistente em vociferar contra a escola e contra as aberrações da internação compulsória da ensinagem.

Poético: um descabimento encantado, ainda meio romântico, que beira o sem sentido. Mas que encontra suas potências justamente no não saber, no mistério e na dúvida.

Caósmico: imersão na criação suja, porca, fecal, destrutiva, shivaísta de mundos. Ao mesmo tempo experimentação potência, em êxtase, gozo intenso, vibrante de soltura. Através de fragmentos compostados a pesquisa se mistura com as decomposições institucionais. Percebe pequenos restos, descreve breves abandonos. E olha enquanto vive, para a vasta compostagem acontecendo nos conceitos educativos.

Abstract

Three basic movements present this dissertation

Critic: the militant remnants, still loudly yelling against school and against compulsory teaching aberrations.

Poetic: a delighted disregard, still romantic, in the nonsense edge. That find your powers in don't knowing, in the mystery and in doubt.

Caosmic: worlds dirty creation immersion, hog, faecal, destructive, shivaish. At the same time powerful experimentation, in bliss, intense joy, vibrant release. Trough composted fragments the research is mixed with the institutional decompositions. Look at small scraps, describes brief neglects. And looks while living, to the large education concepts composting.

Sumário:

Res Húmus: Compostagens e Decomposições	10
anarquivo	13
O Problema Residual	14
Perguntas Falsas	15
Arquivo em decomposição	16
Alargagem e Anarquivo	19
Silêncios	24
decomposições deseducadas	25
Roda em descolarização	26
termos no vermelho	28
multiversidade	29
fam(ilha)	37
EnConTrOs	39
a vontade de Educar	41
pensamentos do mundo vivo	44
min	45
nem	46
escrita sem lágrimas	47
Do planejamento ao relatório: fábulas de saciar burocratas	48
o fim da escola e a morte do educador	55
Corpo pode acontecer	56
O educador vazio	56
O fim da luz	57
O discurso de morte	58
Por fim a sombra	58
O fim da escola	59
Zonas de indeterminação	59
Nem morre nem vive	60
Delírios acontecem o tempo todo	60
Cárcere privado	61

Ficção e delírio da educação	61
Descanse em paz	62
Pela Pele	63
digerindo escritas	65
êxtase-ficção	66
extra-pele...	68
respostas divertidas ou <i>respistas</i>	72
tear autopoietico	76
heráclitas	79
por um ano novo sem esperança	86
Plágio Antropofágico	89
melhor não ter melhor	92
ameaças	94
ALARGAGEM	95
Jogar fora faz fluxo	96
Enduvidamentos	98
Estado e direitos	99
escritos incompletos	100
Pedanagogia	104
soltas	107
decomposições de ocupações	109
Aconteceu num domingo	110
O infante, os sem fala e o poder	112
O lixo aluno	114
Ela voltou para a escola	114
Perplexas questões	115
No dia seguinte às ocupações	118
Professora libertária	119
mais soltas	121
composições em processo	124
Nota de fim	136
Bibliografia	137



Res Húmus

Compostagens e Decomposições

Restos e húmus, resumos. A res úmida ainda no início do apodrecimento. Carne decompõe rápido. A insistência do cavernoso é tentar adiar o apodrecimento. Negar a decomposição iminente e constante.

Como resumir o que se fez de restos? Fragmentos se deixam resumir? Resumo anuncia fracasso da coisa toda ou sedução abestada, isca de fisgar leitor? Tem tese que não é dada a resumos, de restos húmus.

Investigação e processo ensacado. Pesquisa de ajuntamentos heterotópicos. Fratura imposta diante do rasgo no caos. Saco arquivo vivo, anarquivo nervoso, ensacados afetos e maquinações. Aglutinação residual do vivido. Em avesso, exposto, esbarra potências, propicia encontrões.

Já nem se imagina expelir certezas, cuspir condições, impor conduções. De didáticas e pedagogias se recheiam as violações escolarizadas. Passo ao largo. Em vias de largar, esquecendo a moral do aprender, alargar. Pro aterro mais distante com as reforminhas dóceis. Pro lixão com os melhoramentos em novas pacificações. Já não tem mais tempo de inovações pedagógicas de adestramento salvador.

Enfrentada a decomposição, desfazer o falseamento do apodrecer. Decompor ordenamentos, submissões, *doxas*. Deixar desfazer por larvas as convicções. Deixar fungar cada mísera partícula organizada. Fermentar os nódulos de dureza institucional. Largar, soltar, desamarrar, desprender, desaprender. Necessário esquecimento, abandono, ignorância.

Assim fazendo compostagem. De restos, fragmentos, pedaços, coisas que não prestam. De partes esquecidas, desimportantes. Aqueles afetos que pareciam não causar nada voltam ao jogo, nada é negado. Grande sim.

Compostagem. Da decomposição. Nada vai fora, cada energia fica e transmuta. Cada abandono vibra nova possibilidade. Matéria de criação. Solo propício de atravessar novas máquinas, novos brotos. Autofagia. Processo canibal de si. Terra revirada, dupla via de eterna produção e entrega.

Alargar. Entender o ampliar. A potência variante germinando da decomposição. Das ruínas que vibram vertem vidas.

Recomposição. Composição. Compor com o que se tem, com o que se fez. Com o que dos restos desfez. Traficar com o trágico, infiltrar com o feio, berrar com o errado. Arrebetado, torto, manco, caolho. Perturbações, partos indesejados. Abraço no aborto.

Fermentado fedor das vísceras parece borbulhar tanta vida.

Composições dispostas de exposições potência das coisas que desejam corroer. Fluxodigma, paradigma da dança eterna. Dança de Shiva. Nada durou. A decomposição nunca parou de acontecer. Fluxo, paradigma de derretimento, peneira d'água.

Se faz assombro, rompimento. Distorce. Certezas correm risco. O solo segue se fazendo. Estratos e folhas secas. Nada se junta, tudo junto. Faz resto, faz festa. Ser floresta. Res húmus.

anarquivo

O Problema Residual

No alto de umas colinas, campos vastos, verdes. Na beira de abismos, rachaduras, fendas largas. Ali estava, passeando por entre florestas, procurando um bom local para acampar se defendendo do vento incessante. Algumas poucas pessoas estavam por ali também, mas nenhuma casa. Não havia qualquer construção que parecesse com uma moradia. O mais perto disso foi uma lona erguida para abrigar um pequeno fogão, que mais parecia uma fogueira com paredes. Pela primeira vez estava em local tão afastado da cidadania. Era preciso entender talvez uma *florestania*. Já logo recebe uma picareta na mão, pra cima da carroça puxada por um trator, juntos a buscar pedras para a fundação de uma casa. Depois de arrancar a primeira pedra do solo uma pausa para chupar uma inofensiva bala, num movimento quase automático desembulha e coloca na boca. Imediatamente veio o congelamento, uma dúvida tremenda passa a ocorrer com uma pequena embalagem plástica na mão. O que fazer agora? Onde jogar este pequeno plástico verde que acondicionava esta bala doce de menta?

Naquele lugar não havia sequer uma estrada, nenhuma via de veículos automotores chegava até lá. Era preciso caminhar. Que método rústico de deslocamento! Não chegava até ali nenhum poste de energia elétrica. Ninguém passava recolhendo o lixo. Mas esta estória não é para dar uma nova lição de moral. Não serve para ensinar como separar o lixo nem os motivos bobos para não jogar lixo no chão. Neste momento peculiar, com uma ínfima embalagem na mão passou pela cabeça mentolada o imenso caminho que seria preciso para administrar aquele modelo de comportamento. Quantas lixeiras, quantas pessoas recolhendo este lixo, quanto espaço para o aterro, qual parte daquele lugar paradisíaco seria destinada a receber todo o lixo ali produzido?

Perguntas Falsas

Foi com um pequeno plástico na mão que percebeu de onde começam as buscas estúpidas em resolver problemas miseráveis. Quais são as perguntas? Quais são as buscas? Onde foi mesmo que se começa a querer resolver, salvar, reformar o mundo inteiro? Antes do movimento para tirar a próxima pedra, paralisação. Parecia ter encontrado o ponto onde estava a grande encruzilhada. Aceitaria o problema artificial? Seria legitimada a questão falsa? Quanta dedicação de vida se daria para gerenciar este resíduo, este resto, esta sobra? Não degustou mais nenhuma bala e a embalagem ficou no bolso até ir embora dali duas semanas depois.

Talvez aí tenha sido o ponto de afeto que disparou o interesse em descobrir quais são as coisas que se deixam decompor e as coisas que se plastificam. Como uma simples plastificação, com desejos de conserva, poderia gerar tanta dedicação de gerenciamento posterior. Quantos problemas falsos acaba-se empenhado em resolver? Quantas perguntas equivocadas se deseja responder? Um simples dilema teria me perturbado todo um paradigma social? Outras tantas crenças irredutíveis se destroçaram.

- “É preciso ensinar!”

- “Só a educação salva!”

- “Estudar muda o mundo!”

Seria toda maquinaria escolar estruturas, protocolos, burocracia? Seriam usinas de reciclagem, aterros, lixeiras, caminhões de recolhimento? Estruturas tentando salvar um problema inventado, questão falsa, tentando responder uma pergunta mal formulada. Deve ter existido um papel de bala inicial. E quanta dedicação ainda hoje para conseguir solucionar problemas que poderiam ser jogados fora? Castelos seguem sendo erigidos para reformar coisas que não precisaríamos mais segurar. Parou de chupar balas.

Arquivo em decomposição

Tem um momento em que se pega gosto pela decomposição das coisas. De alguma forma se passa a perceber o desejo de eternidade em algumas outras. Mas tudo está em decomposição. Algumas vontades se esforçam em falsear o apodrecimento. Conservante, formol, mantém coisas mortas inteiras.

Meu arquivo está em traças, vira traços rápido.

Quando volto já virou pó.

Resolvi jogar coisas nele que sirvam para húmus.

Assim o pó que resta dos restos faz festa.

Resíduos em decomposição clara saltam aos olhos. Desmoronamentos encantam. Predileção por implosões. Mas sem querer se indispor tanto, é sábio parar de instalar dinamites. Por diversão ainda cabe jogar molotovs de vez em quando. Mas o passo certo foi de mãos dadas na dança com Shiva. A cada rebolado uma certeza se desalinha. Eterno retorno de criação e destruição. Inocular a decomposição nos idealismos platônicos para novas matérias de composição. De compor, de cumpadre. De com posição. D cm psç~. Dçç~. D~. ~.

Pois parece uma minhoca! ~. ~~;

Talvez seja o til que faz húmus nas palavras. ~Shv~.





Cuidadosamente escolho as palavras que vão entrar na decomposição do til. Apenas uns poucos tipos de afetos se prestam ao movimento desapegado de fermentação adequada. Mas com olhos atentos, durante a dança intensa, se percebem muitos exemplares a serem jogados nesta composteira.

~~~~~ ~~~~~~ ~~~ ~~~~ ~ ~ ~~~~~ ~~~ ~~~ ~ ~~~ ~

O processo não é tão simples, nem tão rápido. As matérias são jogadas num continente intermediário. Parecem lembretes empilhados, uns sobre os outros. É tanta coisa que não é possível dar conta. A compostagem acaba sendo a melhor opção. As coisas ficam ali decompondo. Se misturam, se entrelaçam. São devoradas. Um arquivo que não presta. Quando abro novamente tá tudo embaralhado, nenhuma ordem. Pedacos rasgados, mofos, bolores. Larvas, minhocas. Muita vida vibra ali dentro. O arquivo nunca fica parado. O cheiro de morte é de algum educador insistente que ali tenha caído atraído pela curiosidade. Sempre é uma festa encarar o manejo desta composteira. Abro tudo, arregaço mesmo. Espalho no chão, onde for. Vou vasculhando o que tinha colecionado. Pego o que me chama atenção e dedico energia para processar. Parece que tem tanta matéria ali que preciso fazer isso com cada vez mais frequência. Me angustia que tantas perturbações fiquem decompondo sozinhas ali dentro. E assim direciono em vasos, potes, canteiros, gramados. Ao redor de árvores, em sinuosas hortas. Espalho este novo solo. Fazer esta composição me alivia o espírito. Encaminhar este processamento faz leveza das entranhas.

~~~~~ ~~~~~~ ~~~ ~~~~ ~ ~ ~~~~~ ~~~ ~~~ ~ ~~~ ~

Das formas, informas. Coisas sem forma para novas composições. A compostagem não é tão somente pelo gosto regenerativo. É mais pelo gosto de desmontar mesmo, de pegar restos e fazer outras montagens. Num determinado momento da decomposição não se enxerga forma alguma. Poucos contornos se sobressaem, coisas derrubadas por acaso. Apenas as coisas plastificadas, demasiada artificiais e conservadas é que despontam. Não que existam coisas naturais, tudo é artifício, mas alguns se deixam apodrecer mais fácil.

Cada ordem, estrutura, cada papel protocolar, permanece intacto. Por isso nem convém de jogar na composteira. Acaba atrapalhando a cognição, gera uma reação indesejada, algo que poderia até chamar de ódio ressentido ou rancor reativo. Importante atentar no que vai ali pra dentro. É fácil cair nas armadilhas de melhoramentos.

~~~~~ ~~~~~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~

Em alguns casos tento acelerar a decomposição, em outros deixo brotar o que vem de espontâneo que estava ali misturado. É um arquivo sem muito controle. Coisa viva, sabe como é. Criação conjunta com um arquivo que dança. Tem forças de máquina que parece produzir por si. Me alegra a aparente autopoiese. Já pensei que poderia não fazer nada disso, ir deixando os restos pelo caminho, espalhados em qualquer lugar. Acho que vale também. Este tipo de decomposição ao acaso, nos cantos. Mas me alegra mais juntar tudo. Me diverte o processamento.

Sempre dá vontade de ser um tanto mais protagonista. Mas não passa de desejo ilusório. Depois que os afetos entram a coisa toma vida própria. Aliás, sequer tenho ciência de tudo que entra. Tem coisas que aparecem, tem coisas nunca vistas que brotam pelos buracos. Muitas coisas que não vi, que nunca enxerguei, coisas que não percebi aparecem nesta composteira se debatendo, se revirando. Arquivo de coisas não arquivadas. E me dizem:

- Cuidado para não pegar coisas demais! Não seja tão guloso!

Mas as coisas compõem além. Arquivo de coisas não arquivadas. O acontecimento insiste em compor o arquivo. E acontecem, coisas não param de acontecer. No processamento ainda mais acontecimento. Às vezes eu prefiro ir só deixando mesmo.

Mentira!

Eu adoro acontecer junto.

~~~~~ ~~~~~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~ ~

As coisas variam na simples decomposição. Possibilidades se refazem o tempo todo. Cheiros inauditos, cores ilegíveis, temperaturas impensadas. Febre e delírio. Parece possibilitar ali terreno das coisas que ainda não são. Das coisas que podem ser. A decomposição favorece. Já tentou decompor um átomo? Viu a energia que libera? Composteira bomba. Explode lentamente onde contamina.



Silêncios

Tem um momento muito peculiar de silêncio. Um momento instigante onde a modulação de não-falas causam assombro. No segundo anterior ao começo da aula. O professor em silêncio e um pavor. A turma toda envolvida em sonoras conversas. É preciso tomar fôlego. É preciso muita coragem para sair do silêncio. É preciso gritar para começar a aula. Qual seria a palavra adequada? Uma saudação? Boa noite? Chamar a atenção?

- Pessoal, vamos começar!

Silêncio particular, silêncio que poderia durar pra sempre. O professor poderia não falar. Poderia deixar que se seguissem as conversas empolgadas. Principalmente quando já sabe que começando a tão esperada e exigida aula o silêncio vai para o outro lado. Quando conseguir começar joga todo o silêncio pro lado de lá da sala. O lado do fundo, o lado que tem mais gente. E estranhamente, depois deste começo, depois desta inversão de silêncios, tudo o que quer o professor é que este outro lado fale...

Às vezes o relato do que não aconteceu é mais interessante. Nada de importante se passou. Mesmo assim me dediquei a detalhar tudo. Expliquei cada coisa que não havia, cada movimento não realizado. Eu não havia visto, não percebi nenhum acontecimento. Mas mesmo assim muita coisa se passou. A descrição mais fidedigna de uma pesquisa só pode ser sobre o que não se percebeu acontecendo.

...

A maior parte das coisas foi pra alguma composteira que não vai ser lembrada . Mas tá lá compostando, fazendo a função, tá trabalhando. Mas eu esqueço. Me angustia um pouco esquecer, não incluir, não comunicar. Mas fico tranquilo, tá acontecendo. O problema é não conseguir mostrar pra banca nenhuma, nem pra orientadora, não é possível mostrar para nenhum destes que cobram produção válida.

A maior parte da compostagem acontece sem que se precise fazer nada.

Acontece silenciosa. Sem intensão nenhuma.

E precisa falar sobre, precisa mesmo comunicar?

decomposições deseducadas

Roda em Desescolarização

Uma roda se fez. Entre brincadeiras e o não fazer aconteceu o começo. As conversas se faziam enquanto não começava, e quando começou apenas seguiram. Já em acontecimento foi fazendo sem gesso, meio sem padrão, meio sem, meio com. A escola claramente estava em xeque. Os engessamentos, protocolos, burocracias, faltas de escuta, todos os bloqueios moviam os corpos, já não mais enquadrados que ali estavam nesta conversa roda. A recusa se fez até em ocupar algum lugar privilegiado onde sentar e falar seria destacado. Já em exercício de quebrar o que se quer distância, no exercício de pensamento teórico e movimentação prática dos corpos. Seja na ocupação do espaço ou dos pensamentos, fazer maneiras.

As coisas todas mudam na vida, não é só uma crítica vaga à escola, mas tudo muda ao desescolarizar um canto da cabeça. Várias coisas já não cabem, já não colam, já não escolam. Muita curiosidade para explorar alternativas, possibilidades. A comunicação não-violenta como respiro em mergulho nas dúvidas e escuta plena aos corações. Escuta em entendimento do paradoxo entre ser tudo ótimo e péssimo ao mesmo tempo.

A necessidade de apoio vibrou e voltou várias vezes. Apoio, comunidade, coletivo, rede. Pessoas dispostas a se escutarem, fazer pedidos, oferecer apoio, pedir escutas, pedir ajuda, oferecer cuidado. Apoio para superar as dúvidas e dificuldades que nunca vão embora. Ampliação da família nuclear e da criação biológica.

É de si que se fala quando imagina desescolarizar, desaprender, desapegar. Soltar certezas. Desescolarizar e enfrentar crises. As coisas não vão ser boas, não vão ser bem sucedidas, não vão ser harmônicas. Desescolarização em crise. Dança na crise. Vive na guerra de instabilidade. Ao perceber qualquer mínima sombra de harmonia e estabilidade, nada de conservar. Desestabilizar para criar ainda mais. Atoleiro do caos. E como lidar com isso? Como ainda insistir em continuar fazendo sem garantias, estruturas, sem resultados exigidos, sem objetivos esperados?

Mesmo complicada qualquer ação inventada vai ser melhor que o assujeitamento às relações institucionalizadas. Desviando destas tantas boas intenções e de todas as bondades que aniquilam desejos. Seria mesmo preciso fazer projetos? Seria mesmo preciso tomar alguma decisão? Alguma coisa a fazer? O que é mesmo o querer? O que faz meu

desejo? Seria preciso planejar? Como acontecem as melhores jornadas? Muito além de esforço para realização de alguma coisa, o que é inevitável que aconteça? Destas coisas que vem de um lugar nem tão racional e nos atravessa. Não é questão nem de liberdade nem de fluxos. Alguma contenção, alguns investimentos. Com o discernimento nada lógico da alegria que só o corpo consegue identificar.

Liberdade ou desescolarização, quando viram palavras de ordem e precisam ser obedecidas é porque convém serem abandonadas. Ambíguos, incoerentes, paradoxais, ainda mais desafio a encarar. Não que seja fora da lei, nem que não tenha ordem qualquer. Aglomerado de indivíduos em composição e decomposição no conjunto compartilhado de desejos. O apoio volta para questionar onde acabo me apoiando na vida. Em empregos e salários para pagar uma boa escola que me apoia no cuidado terceirizado d_s filh_s? E onde mais posso me apoiar? Redes de cuidado mútuo? Comunidade de quaisquer que se cuidam por desejo de ampliar apoios em criação de mundos?

Estranhamente não se quer dar certo, deste mundo que exige o bom e o certo, o correto. Recusa. Erramos. Damos errado, fracassamos muitas vezes. Recusamos resultados, objetivos, continuidades, permanências. Do jeito que vai indo vai dando certo mesmo errado. Cheio de problemas. Sem buscar algum ideal, nem segurança, nem garantias. Não é seguro e não conseguimos segurar nada.

Neste novo apoio a única possibilidade de conexão é na escuta, abertura e disposição. A pouca garantia possível acontece no vínculo e capacidade de construção conjunta da rede. Não parecia busca de novas estruturas emparedadas trazendo segurança a um preço elevado demais.

Valorização da vida, investimento nas paixões, implicam algumas recusas. Recusar encontros tristes que rebaixam a vida. Sem mais submissão a aprisionamentos escolarizados.

Recusaram o tema de casa. Não aceitaram ameaças, rechaçaram violações. Mesmo das mais sutis e gentis, recusaram qualquer chantagem da boa educação. Nem educados nem bons. Nem adestrados ou dóceis. Assim correram pelados ao vento.

salas de jaula

palestritezas

celas de aula

multiversidade

Quando territórios prontos não bastam.
Nenhum espaço pronto de antemão bastaria.
O que já está, já está.
Nenhuma polaridade bastaria.
Irritantes esterilidades.
Teoria ou prática?
Aprendizagem ou ensino?
Bom ou mau?

Fazer coisas, não das prontas. Fazer mundos, não dos pólos.
Fazer sem endurecer, sem emparedar.
É preciso mesmo que dure? Duro?
O que mesmo precisamos fazer?
Por que mesmo precisamos fazer alguma coisa?
Só deixar de estar nas coisas prontas já não brilha?

É preciso alguma frequência? É preciso algum sistema?
É mesmo preciso repetir para que aconteça, para que seja válido?

Quem sabe se voltar para os desejos mais simples e pulsantes?
Quais as coceiras primordiais que movem?
Desejos moventes.
E inevitabilidades.
O que tem que acontecer acontece.
Muitas coisas automáticas e pré-fabricadas acontecem também.
Algum desvio, alguma recusa.
Explorar desejos moventes. Identificar o tesão. Identificar as ganas.
Coça?

E incomodando. Incomoda. Perturba.
Mas não é coisa de resolver.

Não é de conciliação que estamos falando.
Nem qualquer forma de harmonia.
Muito menos qualquer espécie de pacificação.
Não é pelo bem, nem pelo mal. Muito menos pelo meio.
Qualquer palavra que cause governmento posterior.
Qualquer impositivo, imperativo. Diretivo.
Nem mesmo assembléico, consensual, diastólico.

Talvez seja mesmo pela guerra.
Nenhuma obediência.
Guerra, decomposição, criação.
Tensionamento tensão.
Tensão é que governa.
O que é inevitável que aconteça?
O que o tesão manda, implora?
Vidas pulsantes.
Desejos mobilizados, sentido imediato.
Tensão, tesão.
Inevitável tesão.
Nenhuma hora mais de aborrecimento.
Nenhum minuto mais de tédio. Ah, tédio pode sim.
Mas não me ponha sentado numa cadeira.
Não discurse no meu ouvido.
Não queira cagar seus julgamentos.
Não queira me dar sermão, nem me venha com palestras.
Não me venha com chinelas!

Não quero tua condolência.
Não sou parte de fraternidade nenhuma.
Longe de mim os fraternos e os ternos.
Sem mais fingimentos e amistosos café com leite.
Não tô por uma nova igreja, nem escola, nem partido.

Não vou me associar pra vencer nenhuma eleição.

Não vou me submeter a coligação que seja.

Mas sigo pelo desejo.

Tem desesperados por aí que me encanta encontrar.

Viajo horas só pra caminhar juntos.

Movemos desejos.

Levamos a sério os desejos.

Fazemos as mais loucas besteiras.

Falamos amenidades com compromissos em exponenciar desejos.

Movemos desejos juntas.

E depois não.

Estamos alegres no silêncio em presença. Simples pausa.

E que presença pode haver em uma sala de aula?

Que presença abaixo de um palco solapado por discursos egóicos?

Sempre que chega um educador a possibilidade de tristeza é grande.

Às vezes consegue enganar, até chega a ser divertido.

Mas esta vontade de conduzir é irritante.

Tem coisas que já me dão alergia.

Muita alegria me dá alergia.

Chegou a prof, e foi tudo bem, harmônico.

E foi tudo pacífico, calmo.

Foi tudo bonitinho, deu certo. Ciranda e abraços.

E que tristeza, manipulação, sedução!

A boa educação é ainda pior.

A estabilidade te mata na hora.

Toda paz conciliatória aniquila desejos.

Pois encontramos dispostos a dedicar ruídos.

Dedicar fricção.

Investir conflito. Aflito.

Combustão.

Liberando elementos na fermentação.

Não tem sintonia, harmonia, estabilidade nem conservação.

“Eu não sou da paz.” --> **de outro Freire, que não o Paulo. Marcelino.**

Não quero conciliação. Não quero **nenhuma** conciliação.

As diferenças são inconciliáveis.

E ótimo. Afastamos. Aproximamos.

As coisas acontecem.

Mas não me deixe conciliar.

Que submissão poderia ser maior que um concílio?

Conselho, consenso. Sair com uma amarra?

Toda decisão caga ordem.

Governa. Ah tá, agora tenho que fazer o que foi decidido!

A vida se prestando a criar deveres. Deveres seres.

Virem recursos, humanos.

Sejam utensílios, empregados.

Vem gente com bula hoje em dia.

O engenheiro e o deputado tocam a boiada.

Deve ser, deve, deve assim, dever, devendo.

Não é de usar, mas derreter, desmontar, derrubar.

Fazer malabarismo de utilização.

Desnudar, desestabilizar. Inutilizar, inutilizados.

É preciso seguir conectado?

Quem, conexão?

Que raios de rede é esta?

Esgotado, esgotado, esgotado!

Tanta pergunta, tanta resposta.

Tá tudo ali.

Quem precisa de mim?

Parem com esta conexão!

A múltipla impermanência me interessa.
Put*a las* merdas. Esse frio na barriga.
Desespero, desesperança.
Já não há mais portas que façam sair.
E não vai entrar na neura dos métodos.
Vai mesmo sem saber.
Depois é que se descobre como estava fazendo.
Inventa uma explicação e defende como se soubesse desde o início.
Se enganar bem a banca, vai.
Vai sim. Se a banca banca, vai.

É sem promessa e na sinceridade da mentira que vai.
O que pode ser mais sincero que dizer que está mentindo?
Parando de esperar, nem reposta nem objetivo.
Chega das *caralhas* expectativas!
Chega de intenções! Das boas especialmente!

Pelo excesso de metas a vida se objetifica.
Cada passo com objetivo. Objeto sou, fico, faço. Pesquiso?
Objetivo, meta, sucesso, deu certo. Não quero!
Sem resultado esperados. Desesperados.

A floresta ama o que faz e faz por que é inevitável.
Mas quanta coisa ainda conseguimos evitar?
Parar de evitar o inevitável.
Toda ruptura é bem-vinda.
Chega de governmentação. De si em especial.
Chega de novas lógicas.
Que força faz acontecer?
Que força faz o compromisso com a própria paixão?
Investir no desejo que pulsa e não é nem meu.

Não tornar o desejo nem a paixão uma nova meta.

Toda meta é uma merda.

A liberdade enquanto meta então...

A mim, nada que crie cobrança ou condição.

Mas mestre??

Mas prof??

Como assim?

Não quero rebanhos. Não faço questão de ninguém andando do meu lado.

Não quero apóstolos. Nem um nem doze.

Mas mesmo assim ando junto, adoro junção.

E empolga mesmo quando nem sei porque fazemos aquilo.

A mais banal das besteiras juntas.

Brincar, que coisa besta.

Quero a falta de clareza. Deste terreno que brotam as possibilidades.

Certeza é sal na terra.

Nada brota da convicção.

Não é de garantias que estamos movendo.

Tão urgente que afasta a pressa.

Imediatos sem imediatismos.

Assim sem fazer, fazemos.

Assim sem acontecer, aconteceu.

Nem começou, mas já terminou.

Segue acontecendo sem saber.

Invisível, impalatável.

Indeglutível.

Mas também incertável.

Multi, anti.

Versos, verbos.

Multiverbos

Antiversos.

Multiversidade cínica.

Sem vistas. Acontece e ninguém percebe.

Mas quando viu, já ninguém é mais o que era.

Nem foi o que fez.

Acontece e acontece sem querer acontecer.

fam(ilha)

Fam**ilha** enquanto **ilha**, enquanto fosso ao redor, enquanto entendida como entidade separada, unidade coesa em si, enquanto for **ilha**.

“Cuidado” enquanto for medo, fonte de desespero. Enquanto for observação vigilante, enquanto câmara circundante. “Cuidado” enquanto sinal de alerta, abraço que aperta. Enquanto sufoca, abafa, preocupa, dedica, ajuda sem pedido.

Se veio mesmo do latim, se veio mesmo do matrimônio. Família tem senhor, família arrebanha servos ao redor. Família faz ilha de contenção, controle dos escravos, mulheres, infantes.

Pois então que se mate a **ilha**. Vire **matilha**. Agrupamento de vadios, cambada, tribo. Das ainda selvagens. Alcateia, ampla teia que não prende. Sem laços pegajosos.

Cuidar para deixar criar. Cuidar de si. Quando na ação de criar, quando na criança, me cuido. Quando em criança crio, deixo de cuidar movido no medo. No assombro crio e cuido sem segurar, sem segurança. Cuidado só pode ser criar, só pode ser criança.

EnConTrOs

Encontrar desejos. ComFiar desejos. ComFabular desejos de desejar. Desatar das durezas, desamarrar das capturas. Destruar recursos, desbloquear potenciais. Percorrer junto, jornada, percurso. JorNada. PerCurso. EmComOutros. Encontros. Conspirar. Respirar. Expirar. Cúmplices que se comprometam. Comparsas na resposta. Celebrar a dúvida, o tropeço, o esbarrão. Acaso, caos, casos, caídas. Educação invisível. Encontro imperceptível. Explodir escassez, amedrontando, dependência, desconfiança. Espalhar saber de chão, saber de canto, saber de migalha. Esbarrar saber de sombra, saber de lado, saber de sintoma. Multiversificar quem se é, no encontro com quem nunca se foi.

a vontade de educar

Eu não sou do bem.

Acho até que sou anti-bem.

Mas isso não quer dizer que eu seja do mal.

Mas do bem não sou, não sou mesmo!

Do bem é o novo presidente dos EUA. Do bem é o deputado evangélico.

Se diz do bem também o militante do estado islâmico.

Cada um se diz do bem pelo seu ponto de vista.

Se diz do bem o empregador, o patrão que paga o salário.

Os nacionalistas são do bem, os comunistas também.

E a coincidência destes todos do bem? Alguém?

Arriscaria alguma aposta? Qual é o bem comum dos que pregam o bem?

A vaca sagrada, ohmmm.

A educação!

E veja bem, não digo nem escola. Digo educaçaummm.

Cada um que sabe o que é bom, que sabe pra onde vai o bem, cada um dotado de sua peculiar certeza, precisa adotar o espalhamento de toda sua bondade pela educação.

Educação...hein!?

E por isso não sou do bem.

Não sou destes que educa.

Nem bom, nem educador.

Educador quer implantar sua boamocisse.

Educador acredita numa harmoniazinha colorida.

Educador acredita num mundo de paz.

Educador se empenha na alegria, educar para a felicidade.

Mas não pra mim.

Não educo, nem um segundo pra essa bundamolisse.

Harmonia, sintonia, estabilidade. Coisas do bem. Coisas de conservador apático.

Não quero ser do bem, não quero ser herói. Não quero ser mártir.

Não quero fazer louvação nem ser louvado.

Não quero fazer o bem para ser lembrado.

Não quero salvar nada pra livrar a minha cara.

Todo bom-mocismo me irrita.

Toda a inocência passiva me irrita.

Toda alegria romântica e utópica me irrita.

Todo aquele que acredita que todos serão felizes um dia me enoja.

A todos estes em suas cruzadas do bem, pela melhoria e salvação, dedico meu repúdio.

Mas não achem que precisam parar de fazer o que fazem.

Não quero suas mortes, apenas distância.

Este é um momento de recusa. Marcar diferenças para afastamento.

Esgotado estou, mereço lonjuras.

Não quero mais bandeiras mofadas em minha cara.

Certezas tremulando com alegria e almejando realização.

Estou reclamando sim, estou pedindo distância. Não quero, não quero!

Mas ah. Ouse falar mal destas estandartes.

Credo. Cada uma carrega sua brilhosa bandeira da mais bela e boa educação com orgulho.

Mas eu não. Passo largo. Visto farrapos.

pensamentos do mundo vivo

Tem uma parte em mim que ainda deseja organizar.

Mesmo que seja sutil, mesmo que ínfimo.

Ainda preciso algum abraço, colo, acolhida.

Penso multiversidade. Penso formato mínimo.

Penso simples;

Penso acaso;

Penso espontâneo.

Fazer conexão rápida, conexão entregue, possibilidade de criar logo, na primeira olhada.

Fazer conexão longa, que dura, que sustenta, que satisfaz vontade de brincar junto, aquela vontade de não parar da criança.

Penso numa estrutura, numa forma, numa ordem. Tudo devidamente organizado para que se acalmem os medos gritantes. Mas que tudo isso seja decididamente ilusório. Que toda estrutura seja de lego de nuvem. Nada feito pra ficar como está. Que seja ordem só pra focar e achar que não se perdeu geral. Coisas de burlar a cabeça. Suprir desejos bundamoles pra se ocupar com outros passos.

Fazer meio de comunicação comunicativo. Nem tão comum, nem tão entendível, mas conectado. Comunicar dúvidas, explorar certezas. Disposição à questionar. Não tomar pessoalidades. Escutar no mínimo duas vezes. Perguntar. Pedir. Pedir ajuda. Pedir apoio. Pedir pedido. Oferecer. Oferecer cuidado. Oferecer carinho. Oferecer escuta. Oferecer silêncio.

Ficar em silêncio como produção. Ficar quieto, deixar ficar quieto. Deixar não responder, deixar desviar. Deixar de lado. Suspender. Jogar pra cima, jogar fora.

Dinâmicas simples. Simplíssimas. Coisas de não onerar. Coisas que sejam diversão ocasional. Tipo jogos casuais. Coisas que faço no meio, entre.

Fazer sem ser evento, fazer ventar, inventar. Ser de todo jeito, de qualquer jeito. Confiar pra conectar de qualquer jeito a qualquer hora.

Planejar sem enrosco. Nem planejar. Planejar toda solução e não aplicar. Ficar meses sonhando. Celebrar eternamente. Realizar só quando achar que já não precisa mais.

Realizar quando for perigoso. Realizar quando beirar a borda legal.

min

O mínimo imperceptível

A eterna e constante decomposição.

O mais mínimo possível,

Vastamente poderoso e destruidor

Acontecimento silencioso potente

Invisível

Micro micro revolução

Assim morre o educador

Educação decomposta

Vida das larvas, vermes

Nossa revolução larval

nem

Nem professor, nem patrão, nem polícia, nem presidente.

Fim dos profetas que dizem o que tem que ser feito.

Profetas..... apenas os da destruição.

Construímos por muito tempo, estruturas inventadas, falsas, artificiais, nos defendiam de nossa volúpia interna, demasiada forte e intensa, assustadora, poderosa.

Inventamos misérias, formas, civilizações, domesticações para acalmar as potências humanas. Então os miseráveis precisam de padres, políticos. Não encontrando poder em si, pedem que alguém diga o que fazer, sempre alguém sabe mais, do pai ao presidente, sempre alguém que não eu é quem sabe de mim. Eu não sou capaz.

Mas não sou capaz mesmo, sou incapaz, inútil, desnecessário, mas tudo isso porque inclusive a coerência em mim foi inventada.

Sou total falta de sentido, sem passado, sem identidade.

Completo caos borbulhante.

Mas só eu posso me achar incapaz, assim sou capaz de tudo, perigoso, cheio de possibilidades. Os que me acham incapaz de fora, são os que me minimizam, inferiorizam (tentam), cagam suas regras e leis “pra me proteger”.

Não preciso proteção, não desejo preservação, sou caos.

Sou nada com vontade de tudo.

escrita sem lágrimas

A escrita vem quando a operação do olho já não consegue produzir lágrima, quando a função da garganta já não é capaz de desatar os nós, o peito apertado limita o pulso. O que sobra na expressão é da mão. Olho sem chorar, voz engasga, peito não abraça. Sobra pra mão desenhar palavras na esperança desesperada de aliviar alguma dor. Inspirado em Cioran.

Decomposição acontecendo.

Falar não é enfiar o falo?

Palavras não resolvem nada mas podem servir para criar problemas pertinentes.

Às vezes um mero adesivo educa muito mais que muito estudo.

Às vezes um rasgo faz mais diferença na vida que tudo que estava bonitinho.

Fora *nóis*. Deixa eles dentro!

**Do planejamento ao relatório:
fábulas de saciar burocratas**

Do planejamento ao relatório. Se um relatório relatar com precisão tudo conforme o planejamento estaria configurado um grande problema. Uma baita mentira ou um imenso esforço na base da violência. Eu assumo de antemão que o planejamento foi apenas uma mentira inventada para satisfazer a burocracia do processo. Claro que abre algumas organizações importantes, mas o risco de se apegar ao planejado é imenso. Nunca quis que desse certo, a expectativa era outra. Entrei na sala para conexão. Se houvesse conexão poderíamos chamar os desejos, se brilhassem desejos poderíamos partir para as decomposições. Houvesse decomposição poderia brotar criação. Mas não posso nem descrever realmente o que brotou. Tudo que eu fosse relatar também seria uma imensa ficção. Eu realmente só posso achar que planejamentos e relatórios servem mesmo para a satisfação burocrática da instituição. Pois que se satisfaça. Mas eu que não me deixe capturar por suas exigências descabidas.

Se a proposta da disciplina é de investigar as instituições educativas e a aplicação da psicologia desta educação, então não podemos deixar passar as amarras sutis das formas da instituição à qual nos submetemos. Este jogo foi sempre bem aberto nas relações com a turma. Questionamos até mesmo as instituições instituídas ali naquela configuração de relacionamento pedagógico. Iniciamos uma abordagem sobre como nos deixamos submeter às instituições predeterminadas principalmente nas propostas de encontros educativos escolarizados.

O que são as instituições, como se formam, de que se alimentam? O que é instituir, como os comportamentos se tornam instituídos? Quem institui, como institui? No primeiro encontro vasculhamos o que poderia estar instituído nos cursos que compunham a fauna da turma. Um terço Artes Visuais, outro terço Biologia e

completando os terços a Física. Ainda tinha uma participante da Geografia e um penetra da Engenharia da Computação. Neste momento divertido, em grupos separados pelos cursos, exercitaram definições sobre si mesmos e sobre os outros. O que achavam que faziam os biólogos, responderam os físicos. O que fazem artistas visuais, responderam os biólogos, e assim numa dinâmica recheada de risadas. O nó mesmo veio quando tiveram que definir o que faziam seus próprios cursos. Longos debates e divergências nos grupos. Cada um tinha ideias vastamente diferente sobre seus respectivos cursos e cada um tinha um objetivo peculiar para ter escolhido aquele recorte de estudos do mundo.

Depois da descontração a decomposição. Movimento de inocular elementos com vistas a compostagem prática. Experimentação para abrir espaço de possibilidades. Com a dureza das coisas prontas de antemão as criações ficam apertadas em estreitos corredores. A decomposição vem pra derreter, amolecer, liquidificar; disparando outras possibilidades de composição. A relação professor/aluno especialmente precisava ser decomposta. A movimentação de ensino, a formatação de aulas expositivas, a lógica de avaliação, tantas práticas a serem decompostas. Não fizemos um estudo, olhamos para nós mesmos. Buscamos naquele imediato encontro onde estavam as forças de captura da instituição que nos cercava.

Como as instituições direcionam? E direcionando adoentam. Vasculhamos as expectativas que formam metas, que elaboram objetivos, que tornam a vida utensílio. Quanto confinamento, quanta estrutura, quanta vida pré-moldada. Objetivos e educação formando pessoas produtos, pessoas recursos. Mas nada disso funcionou com conduções coercitivas. Fluiu. Alguns cutucos, outros disparos. Muitos questionamentos. Alguns estímulos provocantes; vídeos, textos, relatos. A conversa foi acontecendo e os desejos brotando.

A primeira bomba. Uma vídeo aula do professor Ernesto Largant da escola de filosofia rizoma temático, delirando suas palavras sobre psicologia e sociedade. A segunda bomba, alguns pequenos vídeos da Desescolarizarte. Produzidos e protagonizados por estudantes de escolas questionando várias das crenças mais básicas da instituição educacional. Terceira bomba, o texto Das Intuições Intensivas de Sergill Zedeule. Bombas de decomposição massiva e intensiva. A animação “Quebrando qualquer paradigma educacional” com uma fala de Reni Koberts e o documentário “O código perdido da Amazônia” fecharam a sequência inicial de bombas de decomposição. Destes estímulos decorreram horas de debates, conversas, diálogos que transbordavam os limites temporais estabelecidos para aqueles encontros pelas segundas à noite.

No embalo destas fermentações, como poderiam ser encaminhadas as produções pedagógicas? Diante de tamanhos questionamentos sobre a educação e suas instituições como poderíamos seguir sequer no formato de aulas? As bombas são o que menos importa, importa mesmo a destruição causada, os efeitos colaterais. Seriam os danos (es)colaterais? Pois na destruição, decomposição e fermentação de toda lógica um tanto quanto pedagógica, brotaram sonhos, desejos e vontades. Sem escutar o que pulsa dentro, o que move, o que mexe, o que coça, não tem como achar que vai acontecer educação alguma. E quanto toca o que faz mover nem é preciso conduzir ou direcionar, não é preciso esforço pedagógico.

Cada um pode manifestar o que gostaria de estudar, pesquisar, investigar. Já não era eu, ou qualquer profeta a derramar sua sabedoria sobre aquela turma, mas cada uma daquelas pessoas agora poderia se dedicar à investigação dos seus interesses. E quem sabe estes interesses eram compartilhados ou poderiam se misturar? E foi isso que aconteceu. Formaram-se grupos de acordo com suas afinidades. Nestes grupos a empolgação das conversas era evidente. Muita vontade

de falar sobre suas perspectivas de investigação, os encontros sempre se estendiam até que a bolsista da próxima disciplina chegasse na porta para organizar a sala.

Tentei algumas vezes ainda fazer alguns debates, algumas intervenções expositivas para trazer elementos, fracasso total. Por mais interessantes que fossem as perturbações, a turma como grande grupo era silenciosa. Poucas vezes, raras pessoas expunham suas opiniões. Por outro lado quando dizia que era momento dos grupos se reunirem para elaborarem suas produções era uma festa, uma algazarra. Risadas, sorrisos e até gritos de empolgação. Os encontros fluíam muito bem assim. Passei a circular nos grupos durante os encontros, para conseguir conversar com mais atenção e qualidade. Altas conexões, consegui captar a intensidade das pesquisas que estavam elaborando. Entrei em cada grupo e lancei perguntas, inoculando ainda mais vetores de decomposição.

Quando tinha engrenado bem os grupos veio um feriado, viajei para um seminário na outra semana, tivemos um encontro e na semana seguinte houveram manifestações e mobilizações contra a PEC 55. Neste período ocorreu uma quebra no fluxo de intensidades que estávamos traçando, mas acolhi os acontecimentos. Então que chegaram as ocupações, a FACED foi uma das primeiras. A vontade de seguir encontrando a turma era imensa, mas resolvemos respeitar o movimento de ocupação e suspendemos nossas atividades acadêmicas. Várias estudantes aderiram às ocupações de suas unidades, à convite delas eu passei a circular por várias ocupações para conversar sobre a possibilidade de educação sem escolas, desescolarização ou pedagogia ocupa. Em várias destas conversas as estudantes da turma se faziam presentes. De certa forma nossa disciplina não parou. Relatos dos estudantes expressam que com o acontecimento das ocupações foi que conseguiram perceber na pele o abalo das instituições educativas e assim perceberam várias das questões abordadas na cadeira. Ou seja, as ocupações

foram excelentes como elemento de aprendizagem prático, pertinente e perfeitamente íntimo ao tema da disciplina.

Poderia descrever ainda muitos acontecimentos interessantes decorrentes das ocupações, porém este relatório é um documento burocrático que quer apenas saber de um estágio em suas operações oficiais. Estas outras histórias estão sendo incluídas na minha dissertação. Sigo aqui então descrevendo que após as ocupações, no final de janeiro, tivemos um grande encontro. Durante cerca de 5 horas a turma se encontrou em peso para apresentar suas obras finais das pesquisas dos grupos. Trabalhos maravilhosos, criativos, debates fantásticos. Foi um momento de potente interação e alegria. Muitas poesias, risadas e inclusive um documentário investigando o que é “ser um agente da vida”. Todos os grupos se apresentaram e conseguimos fazer um fechamento em que se respeitou a vontade daquelas pessoas. Expuseram suas dificuldades, seus bloqueios pessoais, desabafaram sobre suas insatisfações sobre os cursos de Licenciatura, sobre a possibilidade de serem professoras e professores, sobre a escola sem condições, sobre a violência pedagógica cotidiana. Ocorreu um encontro de potência e composição. Depois de tanta decomposição já era mesmo hora de compor alguma coisa para não terminarmos feito pó.

O encerramento desta série de encontros ocorreu em fevereiro. Nos encontramos no prazo estabelecido para a entrega dos trabalhos finais, que seriam uma expressão geral dos aprendizados do semestre. As composições deveriam envolver os vídeos bombas, os grupos de estudo, as conversas em aula e alguns textos provocadores. A proposta era de produções livres, manifestações múltiplas destes aprendizados igualmente múltiplos. Recebi pinturas, esculturas, objetos, obras de arte, poesias, trova, desenhos, vídeos, cartas, desabafos, dedicatórias, houveram até performances e intervenções nas ruas, muros, paredes.

O que posso dizer é que este estágio não foi um percurso tão normal quanto o esperado pela exigência CAPES. Talvez não tenha respeitado muitas das diretrizes da Faculdade de Educação. Quem sabe até não agradaria o Programa de Pós-graduação em Educação. Mas todo o processo de encontros que se deu nesta jornada andaram intimamente ligados ao conjunto da minha pesquisa de Mestrado. Nesta estada em estágio pude experimentar na prática vários dos conceitos que estou trabalhando na dissertação. Consegui ver a decomposição em movimento. Consegui perceber o educador morrendo em mim. Consegui perceber a compostagem filosófica acontecendo num processo de produção de vida ativa. Claro que tudo isso é apenas uma ficção. Nada disso talvez seja verdade. Talvez toda esta descrição seja mesmo um delírio. Assumo as invenções, assumo as falsidades. Mas o que mais me encanta ainda é o que não foi descrito aqui. Me encanta ainda mais o que eu sequer consegui perceber. Me encanta o descontrole, o desatino, o não saber das reverberações que vão ocorrer a partir destes encontros. Mas me alegro pela oportunidade de ter sido obrigado a viver estes momentos.

**o fim da escola
e a morte do educador**

Corpo pode acontecer

Já tentamos tecer, por muito tempo linhas se cruzaram com demasiado cuidado, com determinada ordem de entrelaçamento. Ousar fazer feltro, artesanaria caótica de enrolamento desatinado de linhas que se enroscam. Tecer e com tecer, acontecendo no emaranhado dos movimentos aberrantes, fazendo outra coisa que era mesma de antes, mas totalmente diferente. Fiando formas impossíveis apenas pelo prazer de confiar. Novas línguas já se manifestam. Expressam palavras que não são expelidas esperando entendimento. Parecem não buscar comunicação comum. Exalam palavras por forças e formas de desejo produtivo. Máquinas de corpos que exigem encontros. Potência de movimento que encaixa qualquer diferença. Ninguém nunca quis ser ensinado, mas sempre buscamos o encontro. Do êxtase de fiar potências sem alguém que tece de fora com intenção e expectativa sobrepujante, brota uma paixão explosiva pela educação. A vida se torna ela mesma educação. Educação animista que respeita explorações desatinadas. Respeitar como espreitar de novo.

Educação quando se debruça ao outro, prepotência para competência. Quando se debruça a si mesma, atividade e *compotência*. Nos espaços destinados à educação, onde exclusivamente dizem acontecer o ensino, cercado de muros e ordens, já nem conseguimos perguntar mais o que pode o corpo ali dentro. O corpo sempre pode, mesmo encarcerado, mesmo na solitária, mesmo amarrado e em tortura, o corpo sempre pode. Mas o que interessa é questionar o que poda o corpo? Corpo que pode tanto, podamos. O corpo não é passível de ensino, no máximo aplicamos pequenas torturas. O pensamento muito menos, segue em sonhos e delírios mesmo nos mais grandiosos encarceramentos.

O educador vazio

O educador sentado no vazio do banheiro exclusivo. As mãos no rosto, cotovelos no joelho. A tampa e a porta estão fechadas, por dentro. Mesmo exclusiva, a porta está cheia de frases de desespero, angústia e desenhos de pornografias. Insistentemente ele pensa uma nova frase que possa resolver a situação, novas ideias, novas certezas. Não consegue escrever frase nenhuma, apenas mais um risco forte para não deixar de usar o pincel já sem tampa. Volta para a reunião de

professores. A diretora interina segue gritando. Ela sim, portadora de certezas e convicções. Ela parece saber como tudo deve acontecer daqui pra frente. Cita leis, cita os debates nacionais sobre o currículo, cita o belíssimo Planejamento Pedagógico elaborado com muito custo por uma estagiária de pedagogia. Aponta para as imensas pilhas de livros didáticos que já não tem mais onde ser enfiados e ocupam o espaço entre os armários enferrujados e o sofá rasgado dos fumantes.

Na angústia de necessariamente encontrar consolo nas ideias, resolvem investir em certezas. Mas ainda pior, as extensas reuniões se dedicam a antever cada certeza planejada almejando sua implantação impecável. Cada chuva em milímetros, o vento na direção e velocidade. Mas antever não basta, a necessidade que movimenta é de ter ainda mais convicção. Esforço hercúleo de elaborar antes cada passo e gesto da coreografia. Coreografia extensa; bimestre, semestre, ano, fundamental e médio. Dispositivos de pasteurização para cumprir ordens e atingir metas. O grande líder ameaça com corte de verbas. Fecha a torneira, desliga a luz! Este é o problema quando os que usam os recursos não tem acesso ao reservatório. Onde existe ameaça já não existe escola. Onde existe ordem e utilidade já não tem como acontecer educação. Depois de mais uma imensa caneca de café o professor volta para o banheiro exclusivo, agora ele tem certeza da frase nova, escreve com o pincel atômico grosso vermelho a frase que o fará aliviar as tensões por algumas horas. Na reunião tudo parece resolvido, se cada uma das ações pensadas for realizada todos os problemas vão acabar.

O fim da luz

Longínquos tempos de muita luz. Acreditou-se na luz. Mas ampliar a intensidade da luz ao máximo pode cegar. Assim depois de um tempo os portadores de lanterna, os intermediários do Sol passaram a ser ignorados. O escuro começou a fazer sentido depois da aceitação. Honrar a sombra sem desatino. Quanto medo poderia brotar na imersão das penumbras? Pois alguns desavisados, já quase doentes de cabeças latejantes, resolveram abandonar a louvação iluminada. Descobriram nas cosias que não sabiam o êxtase. Onde os iluminados diziam que só havia angústia e desespero, encontraram orgias pela realização do não saber. O mistério era uma deusa encantada, preta *véia* dos olhos de buraco negro, cabelos volumosos, enroscados. A dúvida passou a ser a paixão mais deliciosa.

O discurso de morte

Foi quando ele chegou na segunda feira pela manhã já descrente de qualquer salvação, nenhuma melhoria era possível. Mas ele gostava da turma, dos estudantes, sabia o nome de quase todos. Resolveu abrir o jogo.

- Sexta feira tivemos mais uma reunião de professores para definir cada dia da vida de vocês. Participo destas reuniões demoradas fazem 25 anos, todos os meses, algumas semanais. Em todas as vezes falamos apenas em como conter cada espaço de criação de vida, como controlar e definir ações para ordenar a vida de todos vocês. Mas nunca deu certo, sempre saímos com muitas certezas do que fazer, mas nunca conseguimos implantar nada. Vocês venceram, a escola chegou ao fim, a escola na verdade parece que nunca existiu. O lugar de não fazer nada, *Scholé*, morreu antes do primeiro suspiro. Não quero mais assumir compromisso de executar qualquer uma das convicções estratégicas definidas. Não sei o que fazer, não quero mais controlar a vida de vocês, não quero mais controlar a vida de ninguém. Nada do que eu falo é para algum de vocês, tudo que digo é para qualquer um. O que preciso dizer se direciona para uma massa amorfa de pessoas que poderiam estar aqui, num deserto qualquer ou numa ilha em Fuji. Não existe relação, nem conexão. Ficamos aqui fingindo um teatro patético enquanto apenas seguimos à risca conversas protocolares. Precisamos nos enxergar, precisamos saber quem somos. Precisamos ser alguma coisa além da burocracia que nos esmaga.

Por fim a sombra

E não foi mais pra dentro da caverna que encontraram alguma saída. Preferiram manter-se entre, manter-se no meio, nas bordas. Ainda podiam ver as nesgas de luz dos significados, mas ainda capazes de manter as pupilas dilatadas para as possibilidades. A exploração era conjunta mas sem portadores da escuridão. A noite não é coisa de conseguir carregar. Não existe tipo de lanterna de fazer escuro. A sombra vai junto com cada um, não tem como tomar conta da sombra do outro. Sombra é coisa que não se ensina, sombra não se deixa ensinar. Novas composições de mundo e de si nesta postura inaudita. Explorações e experimentações que não esperam de véspera nem projetam objetificações.

Caminhar que adota a calma e despreensão de salvamentos, o mundo é muito urgente para ter pressa e a realidade é excessivo deleite para achar que se pode melhorar. Não tem expectativa de perfeição nem intenção de resultado. Estranho movimento para olhos fatídicos. Fatos escondem condições da percepção. Afirmam certezas no aniquilamento, negação e repúdio de tantas formas. Não pode, não é, não quero. Negacear a dúvida, desconsiderar o mistério causa alucinação do saber. Pois ousados são os que assumem não saber. Assumem que não sabem para onde estão indo. Assumem que não tem qualquer certeza sobre o que irão encontrar. Não adotam convicções como gatos de estimação.

O fim da escola

O que acontece quando não se sabe o que deve ser feito? Com o educador morto e sem a insistência acachapante de busca por ideais, ninguém mais sabia o que deveria ser feito. Quanto podem surpreender os poetas soltos em campo aberto. Nem o mais vanguardista poderia suspeitar. Quando a educação se acessa de imediato, sem mediações, quando a educação não precisa pedir licença, quando educar não pede autorização nem debruça autoridade. Quando se destruiu a escola e não se precisa esmolar direitos e migalhas. Como alguém poderia sufocar porque não foi autorizado a respirar? Medo nenhum consegue impedir, não importa o tamanho da insegurança nem a gravidade da ameaça. O encarceramento e a submissão não foram mais tidas como razoáveis e assim todas as impossibilidades tiveram espaço para borbulhar. Se foram assim também todas as poupanças de conhecimento, as revelações à prestação, toda mesquinharia de imposição de dívida e acumulação falsificada.

Zonas de indeterminação

As zonas de contato com as indeterminações sempre estiveram abertas, por mais forças de poder e formas institucionais, estas zonas sempre estiveram expostas. Territórios com bordas de desapego, trânsito de efemeridades, espaços de dúvidas e desimportância. Encontros acontecem, potências brilham quando não em sabem, quando não em utensílios. Nestas zonas explode intensidade espalhando vontade de criação. Caos intempestivo de laboração intensiva. Oratório de si. Tudo

que não é extremo, toda a mistura do meio. Composição nos atravessamentos, arregaçado e trêmulo diante de tamanhas possibilidades. Bastava não deixar a preguiça vigorar, e então dissipar a cumplicidade inferiorizante com qualquer poder.

Nem morre nem vive

Acreditamos mais nas coisas que não morrem. As coisas que não morrem não estão vivas. O Estado vai seguindo, parece mais sólido que qualquer corpo. Admiramos os que se conservam, permanecem no tempo, falseando a impermanência perturbadora. Para se fazer existir assim, a sociedade institucionaliza-se. Se faz corpo em instituições. Institui. Neste processo vai determinando e definindo. Neste caminho, permanece, mas faz onde passa, terra arrasada. Pouco brota nos cercados do Estado. Costura ordens, classifica, discrimina. E na busca pelas certezas dá fim, define nas definições. Cada determinação é um término, um acabamento. Assim quem o encontra, finda. Entra num mundo de produção estéril, não há vida em quem não aceita morrer.

Delírios acontecem o tempo todo

Nada disso, nenhuma parte deste delírio é coisa de projeção de um futuro adequado, lugar de satisfação perfeita. Cada delírio descrito já acontece. São insignificantes acontecimentos, pequenas coisas ativas. Mas são coisas que não se desejam totalizar. Estas outras pequenas práticas não querem fazer história nem almejam entrar para os livros didáticos, isto seria morrer o que são. Nenhum destes delírios imagina unificação massiva, não se manifestam em prol de uma vida boa e ideal. Não visam levantar bandeiras contra, não querem derrubar parede nenhuma, mas entregam marretas com alegria. Que se derrubem por dentro as paredes cinzas e tristes. Mas não se adota esperança, a arte de esperar. Nem se adere à vontade de transformação, argumentação parlamentar, convencimento, sedução para alguma reforma do continente dos mesmos conteúdos intoxicantes. Desintoxicação dos lixos e produção de potência sem esperar condições, nem condicionamentos. A contaminação de excesso de pureza é que rebaixa a vida. Efemérides e insignificâncias em bolhas ruidosas, saboreando dia a dia extremos gozos em posições nunca sonhadas. E nada disso é volta a passado idílico qualquer nem

busca de futuro algum a chegar. Não se trata de uma tentativa de explicar o que as coisas são, explicar seu tempo sempre será um retardo. Nem se trata de dizer como as coisas deveriam ser, mas olhar para as forças e possibilidades criando junto novas composições. A escola já teve fim, já foram todas destruídas, o educador morreu, sempre esteve morto. Os anarquistas nunca tiveram um governo para entrar nos livros, mas sempre venceram, nunca foram vencidos. Sua potência de insignificância e invisibilidade, varia e nomadiza, quando alguém aponta para o alvo, eles já não estão mais lá.

Cárcere privado

Quando chega no nível mais baixo é que o rio está no mar. Espalhando e dispersando, sem qualquer intento de unidade pasteurizada. Largando, por ética, qualquer arrebanhamento, qualquer condução coercitiva diária. Não admitindo internações compulsórias em idades cada vez mais antecipadas. Sem presunção de burrice e julgamento prévio de incapacidade não considerando o amplo direito de defesa. Não é mais viável o aniquilamento sequencial dos desejos. Não é de obrigações inovadoras que precisamos. Não é para o doutrinamento sutil e encantamento efetivo que vamos dedicar a vida. As caixas pretas da escolarização um dia foram questionadas. E lá dentro descobriram o implante robótico da ensinagem intencional. Carregados de expectativas, moribundos portadores de livros didáticos, encarceram inocentes, estancam os fluxos, retêm possibilidades. Foi por perceber a mesma contingência nas aulas e nas jaulas que a escola acabou. O crime de cárcere privado ocorre por meio de detenção e sequestro. Se descreve detenção quando a violência sobre a pessoa se exerce pelo impedimento de sair de determinado local ou sala. O crime se agrava na duração reincidente da restrição e do impedimento do livre ir e vir.

Ficção e delírio na educação

Quando a ficção traz a realização de uma educação alegre, a complicação é acreditar em qualquer outra realidade. Pelo menos a potência de criação ativa de ficções permite a não estagnação nas formas unificadas, condicionadas e negativas que abafam a vida. O delírio que balança a *bundamolisse* do mesmo. Novas línguas

sempre foram faladas, muitos ditos dialetos nem faziam questão de usar escrita. *Nosotros* nunca paramos de tecer nossas micro histórias. A educação nunca convergiu com o ensino. Mas dentro de um pessimismo alegre nem sempre convém a indelicadeza de destruir o muro dos outros. Os cachorros mordem quando mostramos a corrente que está prendendo o pescoço. O vizinho abstêmio reclama dos amantes que gemem.

Descanse em paz

Ocupação da esquina, encostados no muro pichado de uma escola que já nem se sabe se existe. Escolas ainda existem? Eles perguntam. E educadores? Para algumas pessoas não existe ensino possível. Pessoas não são passíveis de serem ensinadas, somente se deixam submeter. Então o professor nunca mais entrou no banheiro escuro, fedorento e exclusivo. Não mais deixou que a ameaça trouxesse submissão. Fazia silêncio, mas ninguém foi silenciado. As potências se encontraram nas primeiras marretadas. Muros aproximam tanto quanto armas servem para se defender. O elevador de serviço, o banheiro exclusivo, a corrente do cão, o aviso do síndico no mural, tantas coisas acabaram junto com o fim da escola. O educador finalmente pode descansar em paz.

Pela Pele

, | !

Pela margem, pela borda, fora. A maioria das palavras está fora.
Além do papel, da tela. Fora.
Talvez no meio, na pele. Papel como pele do escritor. É o que aparece.
Está entre, no meio, mas não entra. Sai.
A borda com coisa, qualquer coisa cola. Entra.
O papel escrito é rosto, algum resto, migalhas de texto.
Não há nada a ser escrito, a ser dito, mas muita coisa a criar.
Não há nada pressuposto, suposto, posto.
Pra escrever não serve nada que existiu, nada de memória.
Escrever o que atravessa, o que posso.
Escrita do que posso, de rosto, de pele, de meio. Texto tatuagem, rabisco, existo.
Não escrevo para dizer o que sei, muito menos pra dizer o que sou.
Alguma escrita para afastar o dever, ver o devir que me atravessa.
Projétil, disparo palavra. Palavra projétil, potência de tiro. Na pele.
Disparo afeta, atinge. Projétil provoca, disparo contra si mesmo.
Palavras, no rosto, na pele, papel.
Não há experiência a relatar, não interessa.
Não há utopia a esperar.
Nem memória, nem projeção.
Do virtual, disparo, projétil. Potência de agir.
Disparo e escrita para acalmar, desenhar, desangustiamiento.
Nem para mudar nada, muito menos para dizer o que fazer.
De si impor. De si, impor. Desse por. Dê-se em por.
De si, sem impor. De si, desce por.
Se escrevo, não é para política, sem polis, nem polícia.
Escrito, eu, talvez econômico, nômade.
Economia vagabunda, rabiscos na pele, papel.
Escrito é de si. Pra ninguém, pra nada, inútil.
Mas pele sempre se mostra, mesmo que não queira, exposta.
Escritor, pobre maldito, em que as vísceras vão por fora.
E o fora fica dentro.

-
-
-
- • •

digerindo escritas

Escrevi, fiz merda. Depois de digerir leituras é o que se costuma fazer.

Minha boca do estômago está pintada de batom vermelho sangue borrado, obviamente sempre me borro. Borrado de medo, escrevo, cago o que digeri. Sempre sai merda.

A escrita fede, toda palavra tem seu cheiro peculiar, alguns odores não saem mais do ar, exalam das páginas. Estranho perceber que tanta fome, tanto desejo de comer, tanto sabor que devorei voraz em cada leitura, sai agora assim. Como suportar este cheiro? Como aceitar a digestão, as cólicas? Este processo todo de fazer corpo desfazer corpo. Além do desejo de comer ainda mais, comer as coisas que sei que vão feder tão logo me atravessem. Algumas coisas ficam entaladas na garganta, outras ficam apodrecendo em algum canto dentro. Órgãos estúpidos. Mais cólicas. Me retorcendo, ainda consigo comer mais um tanto.

Queria poder cagar tudo fora, limpar bem, deixar vazio. Isso só serve mesmo pra comer novamente. E sei que vou comer ainda angustiadamente, e cada vez mais angustiado na expectativa do que vai sair. Que essa merda toda vire composto, adubo.

Preciso agora compostar, fazer a merda virar solo fértil. E vai ser.

-
-
-

êxtase-ficção

Todo indivíduo é uma ficção. Da multiplicidade de si se faz ilógico, infiel a si mesmo, contraditório. Quanto sofrimento pode habitar um homem que se entende ficcional? Se permite então virar invento de sua ficção. Algumas páginas para segurar e sacudir ao vento, levantando aos céus em louvor, exclamando e reivindicando ser ele algumas simples páginas. - Por favor me deixem ser algumas páginas por algum tempo! Pelo menos algumas finas páginas!

Alguns elaboram um pouco mais e resolvem colocar até capa, algumas capas são duras, algumas com título em relevo. Feliz daquele personagem que consegue dizer sim à sua ficção. Se realiza aceitando a mentira do que é. Se permite reconhecer a falsidade da existência. Este que consegue honrar sua invenção, se deleitar com ela, sem demasiados apegos e crenças, adquire permissão de êxtase.

Sem qualquer explicação ou justificativa vivem o tesão de jorrar palavras, tudo como dança de capacidades inventivas. O texto, papel empilhado, parece composto para germinação. Cria campo de seminário, lugar este onde se semeia, onde se dissemina, território este onde qualquer coisa pode germinar entre uma vírgula e um ponto de exclamação, _!

Ficcionar em papel a palavra em gozo, já satisfaz o miserável inventor. Mentir sobre si mesmo, falsear tudo que viu. E sempre, nesta dança malabarista, ciente de que as invenções e todas estas mentiras, são justamente o que lhe traz prazer. Este miserável, que se entende ficção, olhando para o mundo ansioso para ser inventado, realiza o seu êxtase na tragédia.

Tragédia que vem das fraturas, dos rompimentos, das roupas rasgadas, do talho na cara, da cicatriz ainda aberta na virilha. Êxtase que se faz em valorizar justamente as feiuras elaboradas e acontecidas. Há quem opte por se esforçar em descrever um mundo redondo, hermético, límpido, ascético, puro. Mundo em que as coisas todas estão no seu lugar, definidas, paradas, lustrosas. Fazem isso tentando trazer para si e para o mundo uma pureza, uma verdade intocada, uma realidade ainda virgem, alguma essência perdida, um si descontaminado no mundo estéril.

Destas tentativas purificadas é de onde o malabarista busca se afastar.

Distância das infecções por dogmas ou durezas ortodoxas, inflamações que fazem nódulos de mentiras e petrificam. A meta ascética, se mantida, faz a brincadeira da invenção perder a graça, cada gesto e o movimento do mundo vai à estagnação da viscosidade. Se não for pra ser efêmero, em toda sua desimportância e desfaçatez, o poeta nem brinca. Todo gozo tem um tanto de descontrole, de excesso, transbordamento das coisas que não cabem, extravasam, extrapolam. O clímax e o texto se produzem por rompimento de barragem.

O poeta malabarista já esqueceu de quem era na última página, deixa agora que o frutificar dos olhos passeantes façam germinar neste solo coisa qualquer que ele nem sabia que ali estava. Mais um êxtase acontece, e assim acontecem tantos quantos os que deitarem naquela terra fértil. Assim, aberto e arregaçado, estatelado em páginas sendo folheadas pelo vento, o poeta vive, virou finas páginas. Vive agora em suas próprias ficções.

●

•

•

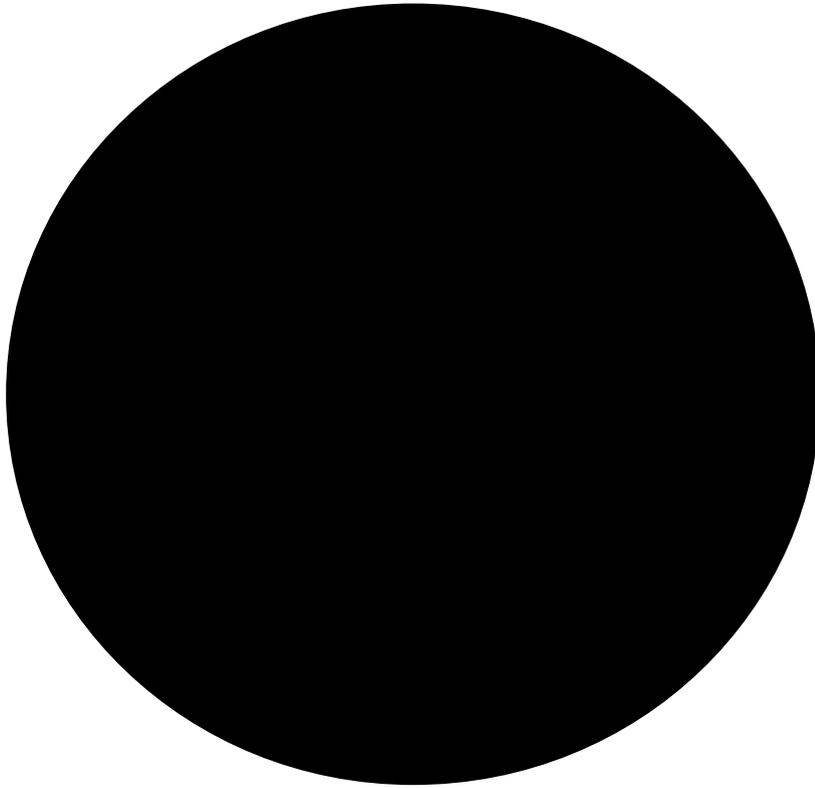
•

•

extra-pele...

O papel, mesmo que em desuso, ainda cumpre função, faz borda. É uma película fina, que quando cheia de palavras pode provocar vertigem. Faz borda de abismos, beira. Vertigem de cair sobre si mesmo, o abismo da beira de si.

Para saltar este imenso abismo, primeiro é preciso achar que pode. É bem possível que se fique pra sempre na beira, é provável inclusive preferir olhar pro outro lado, fingir que não existe. Mas alguns resolvem saltar, tomam distância. É preciso muita distância de si mesmo para saltar, mas ao mesmo tempo é preciso ficar exatamente onde está. O abismo existe, existe sim, mas as bordas são no mesmíssimo lugar. Então como tomar distância ficando onde se está? Este movimento exige exercício específico, que não é sapiência de correrias simples. Este impulso é adquirido na intensidade, mas não de qualquer tipo, é preciso uma intensidade peculiar feita de matéria de nuvens. Com este impulso, com esta intensidade/impulso ocorre de criar uma extra-pele, coisa que extrapola o real e o esperado. O movimento agora passa a acontecer confiando em ousadas de sonhos delirantes. Somente assim o abismo consegue ser superado, afastando inclusive seus véus intermediários de iludimentos. Destas coisas que ficam no meio do abismo atravancando e distorcendo a imagem. Embaçam a vista e a vertente. Rasgar estes véus faz parte da travessia. E então se descobre que as bordas eram apenas dobras, sabe como são as letras quando estão na beira do abismo. No salto se fazem as dobras, mas o pulo não é para cima, nem para baixo. No abismo do sem fundamento não se voa para as alturas nem se cai em profundidades. Usando a propulsão da intensidade e com delírio suficiente para esquecer dos aprendizados, o movimento ousado de lidar com este abismo, faz ele ficar do avesso e ao revés, criando agora um horizonte abismal e vertiginoso, um imenso plano, planície, pampa, que quase sufoca de tão vasto horizonte.



O que não cabe.

Neste plano abismal o tempo é um ponto redondo e preto, com atributos de buraco negro. Do tipo que suga qualquer matéria para si. Mais um desafio a lidar, este imenso cu seguirá sendo desafio para qualquer vida que quiser negá-lo. Qualquer um que deseje conter, reter ou rolar negando sua intimação. Tem coisas que não se pode negar, aliás qualquer coisa que exista não convém negar, aliás até as coisas inventadas. Afirmar as coisas todas. Processar nutrição em afirmamento mantendo dobras e bordas em planejadas possibilidades. O tempo, feito buraco negro, traz o pavor demoníaco da desesperança. Não esperar mais ser o que vinha sendo. Não tem linha com depois, não tem possibilidade de salvar este momento num futuro qualquer. Não há possibilidade de salvar, melhorar ou conquistar perfeição em um ponto futuro. Um ponto preto, buraco negro que gira, e volta, volta, sempre volta. Talvez nem volte mesmo, mas talvez seja apenas ameaça, por ser apenas um ponto e não uma linha. Ameaça e desespero por seguir afirmando o vácuo de não haver chão, base, fundamento. Mostra que não há cume onde chegar, nenhum conquistador chegará ao ápice de nada. Sentimento que sufoca pela perspectiva vasta e amplificado pela falta de não ter nada para segurar. Qualquer tentativa de entendimento neste período é perigosa. Os conhecimentos só servem para sufocar ainda mais neste momento, aprendizados e apegos só trazem vertigem, tonturas, náuseas e tristeza. Há quem fique neste ponto inventando esteios para amarrar alguma solidez qualquer, ancorar referência segura.

Medo da potência, receio do que se pode. Abraços em misérias, migalhas orgulhosas. Investir nas invenções institucionalizadas e se apegar na crença de que elas poderão salvar. Assim se valoriza o depois mais que o agora, assim vem a condenação pelo cu/ponto/buraco negro do tempo. Saber dançar traz alívio, flutuando sem referências é o melhor a se fazer, evita as náuseas terríveis. Há muito o que criar neste vasto mar de potências. Simplesmente por aceitar a eternidade em voltas, se manifestando em si e em tudo sempre, sempre, sempre! Tudo pode mais, a existência ganha magnitude por vazia. Ninguém precisa preencher o buraco fazendo dele um aterro de abjetos putrefatos, classificações fedorentas, definições em decomposição. Tomando impulso na intensidade e tendo conseguido arregaçar o buraco, lidando com o tempo inquisidor. Para criação nesta matéria é preciso lidar com a tentação da invenção de novos valores.

Dobras atravessadas por bordas, de beira em beira, películas vem e vão. Papel como plano estendido faz mais uma borda, mas também é ponte de ligação na dobra. Papel e letras derramadas ajudam a transpor beiras. Dizem que o papel está sumindo, assim como o dinheiro, as coisas agora são todas por *pixels*. Números e letras em telas. Mas tanto dos papéis quanto das telas, não são as coisas mesmas qualquer resposta, sequer contém virtudes por si. Há quem use papéis para imprimir neles valores, e assim usam também as telas. Mostram representações de valores em livros e teses, também nos caixas eletrônicos.

Fazem lastimável uso do conhecimento como propriedade autoral, pintam papéis como obviedades valorosas, encaminhamentos estúpidos para os papéis, e para todos os sistemas de bancos e repositórios. Mancham a existência das coisas cercando o mundo por palavras em definição, valorações carregadas de humanidade demasiada. É sabido que palavras tanto quanto números, sejam em papéis ou telas, são artifícios de simulação. Mas algumas simulações se enfeitam de verdade, se vangloriam de legitimidade ilibada. Quanto desperdício de papel. Artifícios e artigos pintando valores e retroalimentando valorações, quanto mais melhor. O cúmulo do acúmulo, produção, produção, autorias em quantidades, imprimindo papéis, casa da moeda, *qualis*. Apenas papel e tinta, mas quanta fé nos valores. Créditos e citações, empréstimos e dívidas. Relações de obrigações e ameaças. Assim dizem fazer conhecimento e jogam fora a oportunidade do uso tão potente do papel e das letras. Desperdício imenso de energias voltadas a enganar os financiadores. Financiamento que não passa de exploração, dívida paga com mentiras, sabidas mentiras, legitimadas mentiras, autorizadas mentiras, creditadas como verdades em sucupiras no sistema da magnânima falsidade.

Abismos, buracos negro, saltos de intensidade, planícies de consistência, dobras nas bordas, fluir no váCUo, queima de valores falsamente legitimados. Para atravessar estes abismos é preciso uma certa dedicação, um determinado labor. É preciso um pouco mais do que trabalho, é preciso olhar para as paisagens com olhos de desesperança sem desespero. É preciso aceitar a vertigem e andar produzindo dobras até onde puder fazer bordas.

Afirmar e aceitar o mundo, cada parte dele. Nada mais ser desafeto, apenas dança de afecções. Poder amar cada coisa e tudo. Afirmção soberana e sublime sobre a vida. Dizer sim a cada manifestação, mesmo as mais sofridas e cruéis. E não para ficar parado, quieto estático. Mas dizer sim para movimentar-se, agir ainda mais. Só depois do sim magnânimo se supera ressentimentos. É preciso uma grande afirmação para romper com a produção triste, com qualquer acusação, condenação ou julgamento contra feiuras. Afirmção redentora dos espíritos livres, destes pássaros que invejosamente voam por sobre os cânions. Criar então com potências livres de ressentimento, disposto a expor-se ao mundo sem negar esbarrões, aceitando cada tapa, soco ou rasteira. Com toda a vultuosa disponibilidade de criar, mas sem querer nada melhor, nenhuma correção, nenhuma ressalva sequer, apenas criação em realização das faculdades de existir. Abraço dançante com a tragédia para salto livre nas brincadeiras inocentes. O mundo inteiro ainda está disponível para descobertas e invenções. Fazer como as crianças, encanto com cada simplicidade, o mundo é novidade todo dia. O mundo está disposto à invenções a cada momento, este é o convite a vida.

Que venha novo o ano!

! ? ! .

respostas

;

,

·

!

respostas divertidas ou respistas

A desescolarização não é uma coisa só, portanto deveria ser tratada como “as desescolarizações”. Estas várias coisas não são a negação da escola e também não se trata de uma oposição à escolarização. Desescolarização talvez seja a abertura a uma multiplicidade de possibilidades de criação de processos educativos. É uma máquina de produzir modos de existência, maneiras de aprender mundo, de criar mundo. Abrir uma oportunidade de operar dentro de uma lógica não definidora, de uma lógica não restrigente, sem definição ou restrição. A desescolarização opera por relações sem fundamento, sem cabimento, num campo aberto, deslizando.

Despojamento de não carregar pilhas de conhecimentos precedentes a serem ensinados, não visar a transmissão de doutrinas certas, portanto sem almejar chegar à certezas. A desescolarização é justamente o investimento na dúvida, no mistério como operação possível para a criação de possibilidades de encontros. Um desvio do medo que constitui as paredes, as grades, os uniformes; desvia da desconfiança que gera currículos largos, planejamentos extensos. Não acredita na estratégia de usar certificados e diplomas para discriminação.

A desescolarização investe nestes desvios justo por achar que os sentimentos, que desejam segurança, controle e garantias, movimentam as estratégias burocratizadas de ensinagem. A desescolarização tensiona as resistências de repetição demasiada nas formas educativas, as repetições já estão desgastadas, já é possível experimentar criações e largar os arreios do amedrontamento, das dúvidas sobre os resultados possíveis. Já não é mais hora de focar em garantias miseráveis só porque são resultados controlados, não dá mais para aceitar migalhas apenas para cumprir expectativas. É possível investir em alguma ousadia um pouco maior. Mas nem por isso a desescolarização se enxerga como a saída, como qualquer salvação, como um mundo melhor. A desescolarização por ser composta de incertezas vai se fazendo singular e múltipla, cada encontro é um encontro peculiar e irrepitível. Encontros de potência desescolarizados não propõem nada de antemão, são apenas uma forma aberta de fazer planos de criação para malabarismos breves com o caos, malabarismos conjuntos às vezes. Malabarismos desinteressados, sem expectativas, operações de trazer novos elementos vivos para outras leituras da realidade. A desescolarização não é uma alternativa à escola porque não visa a proposta de repetir um jeito, não tem vistas de expor suas boas práticas e ensinar seus métodos, mas busca experimentar dinâmicas de encontros, onde aconteçam de fato encontros. Onde os encontrantes consigam se olhar sem desejos de manipular um ao outro, onde desejam simplesmente encontrar o outro, o qualquer, o diferente em sua frente.

Os processos de desescolarização não estão debruçados ou interessados em como desescolarizar crianças, o contato com crianças acaba acontecendo, mas não tem isto por foco. O foco é a desescolarização de si, tirar as durezas do corpo, amolecer mesmo, desintoxicar bolores. Desvia e recusa a prepotência dos que sabem conduzir, ensinar, professar. Duvida dos que se dizem capazes e se consideram superiores, duvida dos que são capazes de saber o que é bom para os outros sem sequer perguntar. Pensar que a educação é para os outros e não para si, já se configura demasiada prepotência para a desescolarização. Responsabilidade consigo mesmo portanto, quando o compromisso é consigo mesmo é que posso tentar cuidar do outro. Ao estar leve, quando as questões internas estão bem resolvidas, é que pode ocorrer a ousadia de não enfiar algum modo no outro, para poder desta forma, de fato me encontrar com este outro.

Como focar no presente, no decorrer do tempo, observar os acontecimentos, se arrepiar com os afetos e mudar de direção. Pode até desejar permanecer, durar, num futuro sim, fazer alguma ordem, conservar alguma coisa, estabelecer algum projeto mais longo, mas se faz no agora e vai fazendo, se carrega de passado mas usando para se enfeitar enquanto for pertinente. A desescolarização mobiliza uma força que abstrai os preconceitos e resistências, é inegavelmente complicada de ser traçada. A escola é um caminho asfaltado, pavimentado, bem iluminado, mas que leva a um lugar que não se quer ir, a *highway* da escola garante que chegarei no destino, mas o destino é insatisfatório, sequer escolhi. Na desescolarização é preciso criar as trilhas, traçar caminhos. É preciso explorar altos pastos. Escalar margens pedregosas de rios caudalosos. Desbravar planícies sem saber onde vai chegar. Tem a convicção de que deve ser assim, mas sequer sabe o que está buscando, nem se está de alguma forma buscando algo, mas existe uma certeza e confiança que vai chegar, e chega sempre, não só num objetivo, mas em qualquer coisa, em cada coisa do caminho já chegou, está, vai sendo, acontecendo.

Quem desescolariza não quer o abandono da escola, muito menos a destruição da escola, não é contra; apenas apresenta vetores centrífugos. Desescolarização não se trata de levar a escola para dentro de casa, muito menos junto com a igreja, não se trata de ficar dentro de casa. Desvia-se de bolhas, de muros, paredes, sejam elas de tijolos ou doutrinas religiosas. Desescolarizar visa socializar, desvia das negações da socialização, desvia das tentativas de manutenção do silêncio, da ordem. Evita reduzir a socialização à idades iguais. Onde, além da escola, existe esta separação por idades em qualquer outro campo social? Então que socialização é esta? Existe socialização

quando se massifica e uniformiza os corpos e mentes? Existe socialização quando eu não posso tirar uma dúvida com o colega, quando se é avaliado num sistema individual de tortura, quando se impõe a obediência e docilização da vida? A desescolarização investe na socialização por respeitar cada um, cada singularidade se manifestando em multiplicidade. Por estas coisas é que não é dentro de casa, não se fecha na família, nem na escola, nem na igreja. Este movimento educativo busca comunidades de confiança, redes de apoio mútuo, outras formas de cuidado consigo e com o outro que não releguem o cuidado, evita-se terceirizar as relações e ainda mais reivindicar direitos.

Desescolarização não se deixa cercar, não quer cercas. É a possibilidade de variar fora, diferenciar, a educação é a de si mesma. Não acredita no melhor jeito, então não admite ficar estagnada em um jeito qualquer. A desescolarização exige pouco, exige não exigir, exige não condicionar. Condições abafam a vida, o amor, as relações. Desescolarização é o desejo de sair de um paradigma, mas não falta nada, nem se quer chegar a outro, sair pela simples possibilidade de sair, se move pela vontade de criar. A desescolarização não quer servir pra nada, não é servil, nem quer colocar ninguém na servidão. É inútil, não quer formar utensílios humanos, nem despeja utilidades adaptativas para um mundo de capturas. A desescolarização quer a potência exposta, ativa, vibrante. Potência é fluxo de vida movente. Não se desescolariza para ganhar melhores salários, nem para educar empresários. A desescolarização não acha que mais seja melhor, não quer conquistar, seduzir. Desescolarização não é só libertária, vai além, produz possibilidades de ser livre, inventa, mas passa ao largo de ser liberal, está conectada com a vida não com valores. A desescolarização confia sem garantias. Dança, balança, requebra, quebra. Tem predileção por ruínas, cascalho, nos escombros o horizonte se mostra.

Desescolarização acontece por um esgotamento, um cansaço, mas vai além. Tantas tentativas de mudanças e as mesmas resistências, as mesmas insistências. É tão complicado criar relações diferentes na escola, então se faz fora. A desescolarização não quer mudar ou transformar, quer fazer agora, em cada encontro. Se a educação está em todo lugar, porque se fechar? Abre, arregaça, transborda, extravasa. É desejo produtivo, sorriso, é fazer o que o corpo pode, pintar fora do quadrado. Desescolarizar se faz na ética dos encontros, na estética da existência e na poética da vida. Vamos nos encontrar?

tear autopoietico

Nos encontramos para tecer. A tessitura começou bem antes do encontro, parece que acordei meio aranha naquele dia. Fui fazendo fios aqui e ali. As coisas estão interligadas e não sabem, às vezes é só apontar que se enxergam. Os narizes estão quase colados, as mãos quase se tocam, estamos todos ao alcance de nós mesmos.

Um encontro aconteceu. Suave, festivo, leve. Apesar do turbilhão de sacudidas, apesar dos conceitos filosóficos aparentemente distantes, parece que houve abraço, e nos abraçamos mesmo. Olhamos pra cima e pro sapato e rebolamos. O principal, rebolamos! Falando em rebolar, ousamos falar das coisas que valorizam a vida. Todos sabemos, claro, o que valoriza a vida, é obvio. Mas, ãh, o que é mesmo? Vamos respirar estes valores, encher os pulmões da vida que queremos, e ela não falta, só as vezes fica meio xoxa num canto de nós mesmos, encolhida pelos maus tratos. Vamos dar uma chamadinha nela aí. - Ei, acorda! - Te levanta, rebola aí!

A vida levantou e disse! - Eu adoro liberdade, respeito, criação, autonomia, eu gosto de rebolar. Quero fazer as coisas que eu quero fazer, e quero fazer por mim mesma, não quero que ninguém me mande. E assim são todas as nossas vidas, dentro desta sala agora. Então, como fazemos para valorizar a expressão da vida em cada um neste momento com estes valores?

Vamos trazer um pouco de disponibilidade e atenção, vamos abandonar um pouco das coisas que nos impregnam, um pouco do que achamos que somos.

Descobri, como vida errante, que abandonando convicções poderia ampliar meus encontros em possibilidades. Sem desejo em defender certezas, teses e exatidões ou posso me abrir à dançar uma música qualquer, abraçar um desconhecido, tecer um tear coletivo. Largar meus parâmetros ajuda a traçar caminhos novos, conjuntos, de mãos dadas. Nestes caminhos coletivos, nestas empreitadas dançantes, é preciso também me dispor ao movimento, ao fluxo, deixar passar coisas, emoções, até pensamentos, que fluam. Meio que como numa música de improviso, feita assim na hora. Um jazz insano, largado no caos, que incrivelmente fica lindo e dançante.

Jazz faz ruído, abraça tristezas. Já não se quer só mais alegria e afinação. Sons e emoções vêm e se manifestam. É bom também abandonar a orquestra, queimar a partitura. Depois de repetir tantas vezes, pode ser a hora de sair das

linhas e tempos. A restrição, da captura exclusiva sendo parte de engrenagem, cansa. Ser usado, na orquestra, na família, no emprego, na escola. Chega um tempo que a utilidade pode ser largada. A ousadia pode aflorar regada pela coragem. Assim os horizontes se alargam e a exploração dos mistérios deixa que sigam sendo mistérios.

Conexões antropofágicas, hiperlinks canibais, encontros alquímicos. Os elementos, afetos e intensidades se encontram transmutando criações, tecendo teias.

Compromisso da existência, criar. Como disposição à variação de si, educação de si, criação de si. Composição com o mundo em tear. Processo do composto em si. Interações fazem alertas, propõe digestão mútua. Sabiamente alquímico, no caldeirão das potências, novos cozidos temperados. Provo novos sabores, sabores que antes nem existiam. Não quero nada que já exista, a não ser para colocar na mistura borbulhante dos pedaços. No deleite do composto cozido vario a mim mesmo na dura digestão. Nem sempre fácil de ingerir, mas pleno em paladares intensos por simplesmente variar. Tecido e composto, não vão bem com critérios e condições. Jogado no abismo da ousadia acontecem encontros. Risotos rizoma alimentam dúvidas, mistérios se fortalecem. Mais composto para o espontâneo, o acaso, caos e fluxo. Qualquer coisa pode germinar, nenhum lamento. Tudo que vier é matéria de nova fornada. Mais composição, variação. Encontro comigo que sou cada composto, mistura e sobra.

•

●

●

heráclitas

Compreender é prender.
Aprender, o que prende?

Nada tem cabimento,
ou nada cabe.

Ninguém pode
conter o vento.

O mistério das coisas
é para ser mistério.

Sempre estou errado.

Nunca tive certeza de nada.
Ou, quando tive estava errado.

Parar o mundo com o pensamento
é parar o rio para compreendê-lo.

Todos são sempre nada.

Não sei nada de ninguém.

Quem define define.

Quem para, para.
Mas nada para.

Só me interessa
o que não me cabe.

Prefiro a ventania.
O ar contido na garrafa fechada,
de que serve?

Na cabeça nada cabe.

O mundo não é
uma ameaça, porra!

Pra que serve a perfeição,
se nunca se pode chegar nela?

Controlar a si,
além de falso, é morte.

Ninguém é sempre o mesmo.
Os julgamentos então,
para que permanecem?

Não se pode acabar com o
mistério das coisas.
Só se pode acabar com as coisas.

A cabeça só serve
para as coisas que não servem.

Não me contento com o
pouco que sei. Para mim
não quero miséria.

Quero tudo que tem a me oferecer.
Portanto não ousa te conhecer.

Para as coisas grandes mesmo,
a língua não pode, só as entranhas.

Não me diminui
com teu saber de mim.

Nada basta nunca.
E por isso, tudo basta sempre.

Feliz do que me
perturba, me faz vento.

Tudo que acontece
é improvável.

O silêncio é mais verdadeiro
do que muitas palavras forçadas.
Ele é mais verdadeiro
do que qualquer palavra.

Quando deixa de ser absurdo,
virou falso. Ou não tem mais graça.

Espero de ti,
apenas não esperar.

Prefiro sempre
estar enganado.

Me agrade.
Fazendo justo
o que eu não esperava.

Sem perturbação
não há movimento.

Gosto das coisas que terminam.
É quando sei que existiram.

Continuar acontecendo
é o jeito das coisa terminarem.

Só sei do que passa.
O que fica, fica.

Das coisas que param,
só podem servir para nada,
ou são irreais, talvez mortas;
enfim, não importam.

Os planos acabam com
as encantadas improvisações.

Planos prendem.

A vida sempre
dá certo sem planos.

Quanto melhor o ensino
pior a desgraça.

O que acontece hoje em dia
é que de tão treinados
os rebanhos andam sozinhos.

por um ano novo sem esperança

Se a esperança é a última que morre, que morra agora.
Existindo esperança inexistente potência.
Esperança é a arte da espera.
Esperar que alguma coisa aconteça, esperar que as coisas mudem.
Tudo isso como se o mundo não fosse o suficiente, faltasse algo.
Alguma coisa está por vir. E espera.
Então que morra agora a esperança para viver a *potência*.
Não espero mais um dia ter diploma para dizer que sei.
Não espero mais um dia ter dinheiro para ir viajar.
Não espero que haja vida de pois da morte para então viver.
Tantas especulações sobre um depois duvidoso que nunca chega.
E assim jogo fora o deleite do agora.
As realizações são sempre jogadas para o ano que vem.
O ano chegou, sempre está, o que fiz?
Esperar que a justiça condene o assassino de crianças indígenas?
Esperar que coloquem na cadeia o político mafioso?
Esperar o futuro sem mover um dedo no presente?
Não. Não dá mais para viver sequer um dia com esperança.
Ou assume agora e começa a fazer imediatamente, ou assume que morreu.
A esperança é a primeira que mata.
Pare de esperar, faça, surpreende.
Hoje!
Agora!
Não existe tempo linear.
Não existe garantia de amanhã.
Nada vai ser melhor, nada vai ser perfeito.
Não existe salvação.
Faça e se divirta.
É trágico mesmo e sempre vai ter zilhões de merdas no mundo.
Mas ao mesmo tempo contém todas as virtudes e delícias para o êxtase agora.
Não depois. Esperando.
Para ser minimamente feliz, abandone a esperança agora mesmo.

Fazer diferente, mudar, criar, transformar, cambota, rebola.

O mundo inteiro está implorando para ser inventado.

As invenções antigas definharam.

“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis.”

O mundo não quer mais ser vivido por pessoas esperançosas.

...

E...

Saravá

Que saibamos compor a fazença enquanto se espera.

Curto a Lua nova sem esperar a cheia.

Me afundo na escuridão e sombra da noite sem rezar pelo sol nascente.

O ventre trabalha sem parar, trabalha como nunca.

Uma mãe não espera, o ventre faz o tempo todo, aproveito a barriga explodindo.

Percebo toda a lindeza sem esperar ansioso o resultado.

Aproveito as folhas, o tronco, o cipó.

Aproveito até as folhas que caem e compõem a terra úmida.

São lindas, mas não me deixo enfeitiçar somente pelas flores coloridas.

Abandonar a esperança é abraçar tudo em seu tempo.

Não é preciso desejar depois ou somente a parte predileta.

Gosto da chuva quando chove.

.

.

.

. • • • .

Plágio Antropofágico

Operadores de direitos, debruçados nas leis e costumes, legitimam o encarceramento do espírito. Prendem em salas de jaulas. Aulas como prescrição soberana, temível exercício da imposição da razão. Deixe-me rir. A credulidade de se achar civilizado, sábio e capaz de governar, adorna a pedagogia de luzes sobrenaturais. A operação de seu professor explicita teu veredito, expõe tua miséria, tua fraqueza. Arregaça teu medo, tua desconfiança. A potência traz insegurança para espíritos fracos, amortecidos. Precisam controle, ordem, grades curriculares. Planejamentos almejam escapar do acontecimento, afastam da experiência, abafam o viver explosivo.

Não quero aqui discutir o mérito de seus direitos. Mas de todas suas prepotências de saber quais são e como devem ser aplicados. Com direitos espalhados impedem a realização das potências. A vida precisa ser concedida, alguém que conceda o direito de respirar e aprender. Direitos, direitos, esmolas e correntes. Direitos endireitam. Prendem e inferiorizam. Em cada direito recebido, o carimbo da incapacidade de fazer por si. Não, não cuide da própria saúde! Não, não faça o parto em casa! Não ouse estudar sozinho! Seu louco, são direitos conquistados! Respeite as lutas e conquistas. Tome aqui sua migalha e fique quieto.

Quando é que vão tentar buscar descobrir as doenças profundas em que estão afundados. Sufocam-se com a própria merda. Já tomou conta de seus cérebros, de cada célula. Zumbis moribundos, atolados, não conseguem sair e então louvam o que defecam. Acreditam ser os predestinados mas não passam de prepotentes, assassinos, sabedores, impostores, impositores. Nos rebelamos com qualquer direito concedido. Direitos limitam, empobrecem, aniquilam. Sacramentam o encarceramento perpétuo de todos os domínios do espírito.

Todas as escolas, com toda sua bondade e boa intenção, são pavorosos cárceres onde os detentos são cômodos repetidores. Muros e grades, aprisionamento inconstitucional. Não que a constituição salve alguma coisa, mas nem a si mesmos respeitam. Livre escolha, livre encontro, liberdade de ir e vir. Nada disso nos seus antros de ensinagem. Apenas derramamento de alienação sob o manto da ciência e da cidadania.

Como podem acreditar nestas interações arbitrárias. Educação compulsória. Inadmissível frear o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico quanto qualquer outra sequência de ideias e atos humanos. Um só delírio contido por seu sistema já é genocídio demasiado. É inaceitável qualquer fundamento para acabar com a manifestação da vida. Alunos como vítimas de uma ditadura curricular. Exigimos que sejam soltos os encarcerados das possibilidades.

Que se manifestem os burros, analfabetos, todos que não sabem, ignorantes, despreparados. Que se manifestem todos os incapazes, vagabundos, imprestáveis, todos os que não servem. Afirmamos a legitimidade dos inúteis e de toda inutilidade.

Que lembremos disso tudo amanhã de manhã, quando acordarmos em mais uma segunda feira triste e quase suicida. Em que sabemos que pilhas de livros podres serão jogados contra as cabeças inocentes.

.

melhor não ter melhor

Não há possível busca de melhoria. Não há como existir melhor. Qualquer tentativa de melhorar é perigosa. Melhor exige a existência do pior. É comparação, exige contraposição, polaridade, exige o outro lado, a inferiorização. Melhor exige evolução, linearidade, superioridade. Melhor coloca gráfico, aponta para cima, direciona. Melhor condena o pior, sobrepuja, esmaga.

Qualquer melhoria é cagada. Desejar melhorar é impregnação de insatisfação. Desatino de não conformar-se com a coisa, com o mundo, dizer não. Apontar o melhor é negar a realidade, achar pouca, pequena, desfazer. Melhor sempre está nas ideias, ideais, nuvem, fumaça, éter. Fazer melhor é achar que pode consertar. É condenar quem fez, quem faz, quem está.

Não que não haja o que fazer. Mas definitivamente não é a busca pelo melhor. Agir livre da hierarquia ressentida. Compor com qualquer lixo, resto ou podridão. Composição que encontra potência, não acredita em saída ou salvação. Mas faz. O melhor faz direito, faz direita, endireita. Melhor e moral, abraço miserável de ainda ter esperança



Ameaças

De quantos tipos de ameaças está formada a produção de conhecimento de nossa época? Sequências de exigências sempre na iminência da punição. Condicionamentos formando paredes nas possibilidades. Como acreditar que assim se possa produzir conhecimento?

Dia a dia, obrigação de se encerrar no mesmo espaço apertado, junto com mais uns tantos da mesma idade, sofrendo a mesma punição antecipada. Toda obrigação se constitui por alguma ameaça. Não houvesse retaliação, jamais se conseguiria obrigar coisa qualquer. A punição pode ser de não ganhar o certificado, repetir as mesmas ladainhas no ano seguinte. A mais pesada é a punição social, discriminação derramada sobre os que não participam deste nefasto ritual. Inferiorizados nas mais simples relações de trabalho, discriminados e inferiorizados por uma aparente falta de escolarização. E como poderia, um sistema que visa educar, acabar gerando exclusão e discriminações tão descaradas?

Acredita-se que a educação só pode acontecer nas condições em que as relações estão sob risco. Não havendo ameaça e risco de punição não haverá empenho. Este sistema carrega também a crença limitada de que a educação seja a apreensão específica de conteúdos. Talvez justo por este pensamento é que se faz necessário ameaçar. Quando não se respeita vontades acaba sendo necessário ameaçar.

ALARGAGEM

Jogar fora faz fluxo

Conhecimento é o que já foi. Sabedoria é deixar ir.

Nada é tão bom que valha a pena segurar.

Largar fora é conhecimento. Deixar ir é sabedoria.

Abrir espaço para dúvida é o percurso da criação.

O que pode me salvar é jogar fora tudo que acho que pode me salvar.

Convide o importante a fechar a porta por fora.

Muito saber, saco cheio.

Soltar convicções é como içar a âncora do pensamento.

Fazer ciência alegre exige soltura.

Exercitar colocar tudo que tenho para fora.

Abandonar, largar. Saber sempre menos excita.

Quando as coisas saem.

Quando sai a merda, o mijo.

Quando sai a lágrima, escorre o sangue menstrual.

Quando jorra o esperma.

É na saída que se percebe o fluxo.

É vivo o que caga.

O lixo é o limite.
Borda que coloca o que eu tinha pra fora.
Colocar pra fora é o que demonstra que o fluxo está acontecendo.
É preciso colocar o lixo pra fora.
Assim como quando a merda sai é quando sei que estou vivo.
O fluxo está sempre acontecendo.

Jogar fora, desescolarizar.
Tirar, largar, abandonar.
Alargar, aprendizagem.

alargagem

Retirar fora pode ser tão importante quanto colocar pra dentro.
Não que eu queira condenar a acúmulo, o colocar para dentro.
Mas preciso valorizar o jogar fora.
Muitas coisas precisam ser abandonadas.
Para abrir espaço para novas possibilidades.

Tristes os que tem algum fluido contido.
É impossível ser feliz enfezado.

Não que haja qualquer condenação do empilhamento, do acúmulo.
Mas já foi demasiado investido nesta habilidade.
É hora de saber deixar evacuar.

Por mais cheiroso e colorido que seja seu lixo.
Não é de bom grado que fique jogando ele sobre os outros.

O lixo dá fim, mas outro tipo de fim.
Coisa que jamais vai conseguir ser ensino, explicação.
Joga fora, despretenso com algum rigor.
Quem achar que está livre, faça o que quiser.
Mas jogue no lixo depois de usar.

Enduvidamentos

O peso mais pesado só serve para louvar a leveza.

Cabeça inchada não passa porta.

O que couber é bom que fique um tempo, mas bom mesmo é não ter cabimento.

Estou em crise com o é.

Toda vez que ele aparece me parece muito determinado, incisivo, certo de si.

O “é” tem um tanto de prepotência, muita afirmação certa.

Seria a alargagem abrir espaço para as dúvidas?

Não sei, estou em dúvida.

Os que respondem rápido demais, por certo, estão errados.

Estado e Direitos

Querer direitos é falar a língua do estado.
E falar a língua do estado é perder a alma.

Estado como olho absoluto não permite comunicação.
No máximo de sua bondade concede direitos.
Coitados dos que aceitam estas migalhas acompanhadas de algemas.

O Estado aparenta ser superior e eterno.
Talvez por isso é que cause tanto fascínio.
Mas tudo que nasce um dia vai morrer.
Tudo que existe é porque um dia não havia.

Ao aceitar direitos abre-se mão de fazer por si mesmo.
A luta por direitos é a pior das mendicâncias.
Porém, o que mais perturba, são os que tiram direitos pelo direito de violar.

Pautas políticas na educação.
Ainda mais uma disciplina obrigatória.
Obrigação e disciplina são noções militares.

A grande ilusão é de que o Estado nos protege.
Primeiro ele nos esmaga, ameaça violentar.
Depois concede alguma trégua, nos defendendo dele mesmo.

Quantos já não tiveram seu espírito roubado pelas instituições?
Sequer percebem que podem tomar de volta.

escritos incompletos...

E pelo medo de não saber chegar, poucos foram...

Seria preciso enfrentar a insegurança e a incerteza para ir, um caminho longo além do que se poderia imaginar. Sessenta quilômetros destas estradas do tipo que já não se andam mais. Curvas e buracos e um outro tempo se passando. As pressas se esvaíam por não ter onde se fazer. Horas de jornada num longo aprendizado. Era noite, ainda mais dúvida e mistério. Medo e insegurança como ensinamento íntimo, vivo, vibrante. Não saber pode enlouquecer, desatinar. Ninguém sabia. Ninguém sabia de antemão o que iria fazer, e ninguém sabia onde deveria chegar.

Mas logo deu pra ver a fogueira, troncos em círculo. Chegamos.
Sopa quente, pão e queijo. Acalento pela coragem e dedicação.

Depois de arrastadas horas de poeira entrando até pelos poros, chegamos à comunidade que receberia a terceira Desescola de Verão Anarquista. Celebramos com desconhecidos ao redor do fogo com entrega e soltura. Pareciam íntimos amigos os que recém se encontravam.

Pessoas que pareciam preferir fazer as próprias estradas a aceitar asfaltos, preferiam fazer fogo a aceitar botijões, preferiam a vida ela mesma do que direitos dados. Tem coisas que não se concede. O pão era sovado pelas mesmas mãos sujas de terra e o queijo coalhava pelo suor.

Ao amanhecer levantaram também as expectativas. Acordaram como sempre acordam. Expectativas sempre acordam e se sobressaem. Vamos então organizar, planejar, estabelecer as coisas. Alguns voluntários se auto elegeram para buscar os recursos básicos necessários para o transcorrer dos próximos dias, alguns fariam as refeições e outros cuidariam das crianças. Uma conversa ficou agendada para o fim da tarde, onde talvez, formalmente iniciaria o encontro. Mas certamente o encontro já havia começado. O que faz um encontro começar? Alguma planilha afixada na parede com os horários? E o que define que o encontro aconteceu? Como as coisas acontecem? O que precisa para que se considere acontecida a realidade?

Além deste breve impulso para angariar os recursos básicos para a realização das atividades nos dias seguintes, nada mais conseguiu ser planejado. Atividades

aconteceram sem constar em nenhuma planilha ou tabela. Atividades espontâneas aconteceram sem qualquer planejamento. Conversas filosóficas aconteceram ao buscar a água no poço, ao banhar-se na represa, ao tirar o leite das vacas, ao amassar o pão na tardinha. E estas pautas aconteceram? Não havia programação divulgando, mas aconteceram?...

Desviar, tropeçar, dispersar. Persas que me impeçam. Prolífero feito fera minha multiimplicação. Desço de qualquer centro, descentro. Não há um centro, nem centro nem um. É preciso interromper pretensas verdades, intentos racionais de totalidade e unidade. Interromper todo o comum, coeso e coerente. Nem comum nem unidade. Basta de identidades compartilhadas. Ser melhor, ser perfeito, durar para sempre. Vida isenta de culpa, bom mocismo, sustentável, consciência limpa. Não há possível salvação nem escape, não há fim objetivo a ser alcançado. Sem destino. Desatino, desespero, mundo aberrante, errático, caótico. Sem busca, sem éden. Quem conseguiria? Viver com trágicas verdades exige disposição...

Viver infinitivo para acontecer aprendido. Provar infinito para existir em entrega. Criar sem fins, destruir (de)terminações, abrir iniciações. Não mais definir, dar fim. Dar chance de duvidar de tudo o que já foi classificado. Exercitar criação como operação do pensar. Mas sem pensar o que já foi pensado. Pensar o indefinido, sem fim, improvável, sem provas, impossível, sem poder.

Não se trata de capacidade de inovação imaginativa. Inovação trabalha com o que já está, com as normas precedentes e no máximo melhora a captura e imposição. Não se trata de reforma ou transformação, é por informação e destruição, ou abandono das formas, dedicação às forças. Transmutação, invenção inédita que já aceita a fluidez. Criação e força de interações produtoras de encontros e vida. Talvez um pouco disso é que faz educação.

Criação quando serve, quando útil, quando pensada a ser prestativa é porque já não é mais criação. Carrega ordens de antes, de fora, de meta. Capturada assim não se cria, apenas remodela o mesmo barro podre em formas fantásticas.

O grande nó nisto tudo é como nem tentar explicar qualquer coisa. Não é de explicação que vai ser formada esta dissertação. Abandonar desejos de apequenamentos do mundo.

Todas competências me parecem já capturadas. Precisamos exercitar as *compotências*. Investir nas potências dos encontros, nas potências de acontecer, experimentar possibilidades de vida intensa e ativa. *Compotências* na realização das indeterminações do mundo e com o mundo acontecendo. Soltura e transbordamento por não caber dentro das limitações competentes. Não é de melhores estudantes, nem de melhores escolas que precisamos. Mais encontros de *compotências* e implosões.

Pedanagogia

Ao abandonar pedagogias e sem querer jogar bombas, incitar pensamentos de possibilidades antipedagógicas. Talvez nada sirva, sem pretender nenhum novo modelo, apenas jogar impossibilidades de condução coercitiva e compulsória na educação.

Pedanagogia: auto condução de si.

Pedagogia do sem cabimento: o que é caber? O cabimento é dócil, domesticado, entendível, palatável. O que não cabe, transcende a captação humana limitada. Vai além. O descabido vai mais solto, flui sem margens, potencializa.

Pedagogia da sobra: derramamento, transbordamento

Pedagogia do absurdo: ???!???

Pedagogia da desintenção: só pode haver educação sem intenção, ou que a intenção parta dos interessados estudantes.

Pedagogia do acaso: em serendipidade

Pedagogia da insensatez: nada de senso, nem de comum.

Pedagogia do imponderável: que não haja ponderação alguma.

Pedagogia do nada: não há meta, objetivo, caminho, planejamento, necessidade.

Pedagogia: orgiástica, de saltos quânticos, de livre prazer, de busca por espasmos de conhecimento inexplicáveis e tesudos.

Pedagogia do imediato: sem mediação, leva à conquista de cada um por si mesmo. Não quer mediação. Ninguém no meio. Ameaça aos professores, que nesta pedagogia rumam a sua extinção.

Pedagogia da aceitação/entrega: exercício de afirmação e do grande sim.

Pedagogia da variação: experimentação sem medo, sem objetivo, pelo simples fato de mudar, de saborear, variar as possibilidades, não ficar estagnado, parado, estático.

Pedagogia do inútil: o que serve para algo está capturado.

Pedagogia da incoerência: a coerência é captura, é se adequar a padrões e se fixar, apegar, estagnar, parar o que não para de se mover.

Pedagogia da incerteza: sem mais alimentar as convicções, conservas e certezas.

Pedagogia da inconclusão: não buscar verdades permanentes ou desfechos.

Prática educativa: prática ética.

soltas

E não é questão de abandonar isto tudo que de alguma forma é tido como direito e oferecido pelo estado para tornar parte do sistema liberal capitalista onde agora estas coisas todas são oferecidas num sistema de livre mercado. Não, não queremos consumir. A questão é tornar-se produtor ativo de si nos mais amplos aspectos da vida. Não é de direitos nem de consumos que queremos pactuar.

Agroócio, sim ao ócio.
Lavourar é agroócio.
Laborar é cometer ócio com plantas e palavras.

Desescolarização é uma proposta?

Não, talvez convite. Não, nem isso! Talvez exposta seja melhor do que proposta.

A desescolarização simplesmente expõe uma possibilidade invisível, educar recusando a escolarização. Porque pareceria tão ininteligível uma “exposta” tão simples? E não é possibilidade, é acontecimento, não é convite é festa.

O ponto de interrogação sempre faz laço ou gancho, anzol. Quero ter direito de não-resposta! Mas como é? Como se faz? E depois como fica? E se quiser mudar? E pra ser feliz? E quando for adulto? Não quero responder nada, apenas perturbar estagnações. Tem coisas que só fazem os loucos mesmo. E toda pergunta de exigência explicativa é laço tentando prender. Prefiro desviar das respostas, em dúvida consigo dançar com o mistério.

**decomposições
de
ocupações**

Aconteceu num domingo

Coisas acontecem. Algumas coisas precisam planejamento longo, aprovação colegiada, carimbo, protocolo, três vias, aceitação da secretaria, assinatura do secretário, legitimação das normativas, estabelecer regulamentações, diretrizes, para enfim, acontecerem. Mas estas coisas são acontecimentos?

Excesso de predeterminação, terminação antes, exterminação. Acontecimento cimentado, afastado lacrado. Dentro de tamanhos protocolos burocráticos o que acontece poderia ser chamado no máximo de precedecimento, mas nunca acontecimento.

Mas em um período histórico aconteceram coisas nas escolas. Alguns dias que viraram semanas, foi preciso querer estar na escola, foi preciso mudar a lógica de ir por obrigação para espontaneamente ocupar o lugar. Foi preciso outras forças para acontecer, com tecer, tecer junto. Tecer tecido que não é permitido tramar. Tramas a com tecendo.

Num domingo qualquer entraram na escola, mas ninguém entra na escola no domingo! O vazio da escola era da ausência das regras, grades, currículos e todos os mandamentos disciplinares. Vazio de obrigação enche o peito. Não haviam mais as correntes dos planejamentos apodrecidos e respeito aos livros didáticos mofados. Neste vazio, sem regra, obrigação, planejamento. Neste silencioso momento em que ninguém sabia de antemão o que fazer, alegria, a escola era maravilhosa! Quanta alegria cabe em não saber o que fazer? Quanta alegria em não ser obrigado? Quanta alegria em não ser mandado?

Foram tantas as manhãs de segunda feira onde todos sabiam o que iriam fazer. Chegavam com certezas, outros despejavam conteúdos, cada minuto previamente agendado. Marcado de obrigações separadas pelos muros duros das disciplinas. Todos os dias sempre muito bem pensados e planejados para transcorrerem da maneira mais efetiva para o aprendizado mais eficiente de acordo com os mais bem fundamentados estudos científicos em educação. Naquele domingo não tinha nada disto, era preciso tecer, com tecer.

A dúvida encantava cada uma das cabeças que podiam funcionar sem cabresto. Era preciso decidir junto o que fazer, finalmente chegou a chance de fazer a educação acontecer. A tão sonhada educação escrita nos planejamentos pedagógicos, autonomia e liberdade. O cheiro de cada parte da escola ali exposta,

as paredes, as cadeiras, mesas, as plantas crescendo nas rachaduras, as grades enferrujadas, cada pedaço da escola exalava possibilidades. Neste acontecimento de domingo ninguém pensou seriamente sobre o caminho necessário a ser percorrido para o conhecimento adequado para se chegar nos resultados esperados. Também não houve a significação de cada proposta de aula estabelecendo representação sobre cada uma das práticas a serem feitas. Não haviam objetivos de aprendizagem bem definidos projetando cidadãos bem sucedidos.

Assim se espalharam várias escolas que perceberam a possibilidade de exercer vida diante de uma oportunidade política. A educação pode acontecer enquanto vibração ativa. As conquistas políticas, a derrubada do secretário de educação, o declínio da proposta de reforma, nenhuma destas questões foi mais importante do que a vida que pode acontecer nas escolas em que a vontade fez ocupar em um domingo.

O infante, os sem fala e o poder

A infância, o infante, aquele que não tem voz, aquele que não pode falar. É chamado de infante o segundo na linha sucessória do rei, ou seja, o infante não é príncipe, nunca será rei. Desta forma não tem concedida a possibilidade de falar nem nunca terá.

A autoridade do colégio Infante Dom Marcos Lanuz, demonstrou na prática o significado dessa palavra. Quando os infantes, aqueles que eram colocados na postura de não ter voz, resolveram falar, resolveram assumir a sua própria vida, resolveram exercer sua própria educação ativamente em uma ocupação, acabaram sofrendo o intento de ter suas vozes caladas novamente. Foram deslegitimados, inferiorizados, ridicularizados e humilhados, como costumeiramente se faz com as infâncias. Desconfiam de suas habilidades, tratam como incapazes e querendo consertar esta infância insuficiente, diante de inseguranças, dominados por objetivos, pensam extensos currículos e executam vastos planejamentos de imposição de conteúdos nestas pessoas "inaptas".

Quando os infantes ocupam escolas e organizam toda a sua educação ativamente. Quando produzem prática política através de suas vontades e desejos. Quando disparam afetos e criam relações de coletividade entre si. Quando confiam, fiando junto novas possibilidades. Quando agem pela autodeterminação, pela autonomia. Quando exercem intimamente seus protagonismos. Assim rompem com os estereótipos colocados para cima das infâncias inferiorizadas, inventadas e infelizes.

A estes que não se concede o poder de fala, agora solicitam ser escutados. Querem se manifestar estes aos quais não se permite ter voz. Estes submetidos ao silêncio querem gritar. Assim se tornam ameaças às autoridades. Simplesmente por ousarem viver ativamente suas vidas ignorando os mediadores. Ameaçam instituições por negarem a imposição protocolar de submissão. Passam a agir por si mesmos, dotados de uma imensa potência de criação. As autoridades e seus miseráveis poderes medrosos resolvem então acionar ainda mais forças que já operavam na escolarização e toda sua submissão burocrática. A diretora usa cadeados, tranca portas. Chama professores, mães, pais. Todos tentando exercer imposição de autoridade familiar e pedagógica. Sem sucesso, recorrem para forças mais fortes do estado. É convocado o Conselho Tutelar a polícia e até apelações

para o judiciário. Quando a escola não consegue submeter e controlar, outras forças de ordem são chamadas. Os infantes precisam ser contidos.

Mas de quem é a posse de uma escola? Quem é que detém o poder de uso de uma escola? Quem é que determina o que vai acontecer em uma escola? Parece que os burocratas e os pequenos poderosos sentem-se ameaçados. Quando os infantes não aceitam mais este rótulo os poderes balançam e reagem.

A escola faz parte de um sistema de promessa. Cria a esperança de que um dia, nas condições adequadas, cumprindo todas as metas, cada um poderá ter voz. E assim submete tarefas infundáveis, prometendo algum resultado futuro. As instituições, assim arquitetadas, esmagam a vida e as vontades, aniquilam desejos e afetos. Enganam cada um até a morte. Muitos sentem apenas espasmos de vida. Não espere um dia poder falar. Não espere um dia para que se tenha concedida a voz. É preciso valorizar a vida imediatamente, agora e sem mediadores. Que siga a grande festa das ocupações como manifestação encantadora das possibilidades alegres. E que nenhuma autoridade nos deixe entristecer.

O Lixo Aluno

Perguntei pra menina da comissão de comunicação.

- Tu era do grêmio do colégio? Alguma liderança?

Eis que ela responde:

- A nossa escola não tem grêmio faz 3 anos, tentamos fazer o processo e a diretora enche de entraves, cada vez pede mais coisas, procedimentos, sei lá. E eu nunca fui do grêmio não. Nunca fui liderança nenhuma. Sempre fui quietinha, nunca falei com muita gente na escola não.

- Mas e agora, na ocupação, tem tanta gente ativa, falante?

- Pois é. Conheci muita gente só agora nesta última semana, colegas que eu nunca tinha falado. E antes eu não falava com ninguém por que me sentia um lixo, me sentia excluída. Ninguém nunca veio me perguntar como eu estava, o que eu queria fazer. Ninguém nunca olhava na minha cara. Nestes dias da ocupação conheci tanta gente, as pessoas conversam, se organizam, decidem junto o que vão fazer e como. Agora me enxergam, eu sou alguém. Antes era tratada como lixo.

Silêncio.

Paradoxo de sentir alegria e tristeza ao mesmo tempo.

Uma pessoa que se sinta um lixo já seria demais.

Ela voltou para a escola.

A filha de um estimado amigo implorou para sair da escola. Desde aí já fazem dois anos fora da rédeas escolarizadas. Mas foi com muita alegria que este amigo me traz a notícia:

- A Maria voltou pra escola!

Eu, sem querer comemorar, quase lamentando:

- Mas o que foi, por que ela voltou?

- Ocuparam a escola perto de casa, ela precisava encontrar jovens da idade dela. Foi pra ocupação e não volta pra casa faz três dias. Está na comissão de planejamento e segurança.

Ocupações fazem os desescolarizados querer voltar pra escola.

Perplexas questões

- Qual foi a motivação que me fez ir até a escola que eu nunca tinha ido antes?

Cheguei no portão por fora e ajudei os estudantes a prender uma faixa escrito OCUPADA!

Quando fui entrar, a mãe de uma estudante me pediu o RG e meu nome. Prontamente entreguei o documento pra ela. Fiz alguma piada pra quebrar o gelo. Chegaram mais dois meninos, boné enfiado na cabeça, roupas largas, um ainda com o capuz cobrindo o rosto. Aproveitaram o portão aberto pra entrarem junto. Então alguém falou.

- Vocês já estavam aqui né? Então não precisa pegar o documento.

O menino que estava com o rosto escondido pelo capuz levantou a cabeça e respondeu, eu não estava não, deu meia volta e preencheu os dados depois de mim.

Eu fiquei meio perdido esperando a mãe responsável pela coleta dos dados e fiz mais alguma piada sem graça pra amenizar o meu "sem jeito" ali parado.

Quando acabou de anotar os dados do menino ela fala comigo.

- Pena que no meu tempo eu não tinha a cabeça deles e nunca ocupamos nossa escola, mas era isso que tínhamos que ter feito.

Eu respondi ainda tentando fazer graça:

- Naquele tempo esta tática de guerrilha ainda não era usada.

- Não, não. Era sim, pensávamos nisso sim. Acho que faltava coragem, ou os colegas eram muito bunda moles mesmo.

Nesta conversa rápida sentamos numas cadeiras na porta de entrada. Eis que surge um menino magro, com cara de malandro, com uma vassoura na mão e nos pede com gentileza.

- Eu poderia dar uma varrida por aqui, tá cheio de sujeira onde vocês estão.

Eu levantei rápido da cadeira e levei pra longe, abrindo espaço prontamente para ela varrer. Falei mais uma graça com a mãe:

- Veja só estes jovens tão dedicados, varrendo sem ninguém pedir.

A mãe responde:

- Vai ver se ele varria alguma coisa enquanto a escola estava "normal".

No meio tempo destas graças, nem percebemos a aproximação de uma mulher mais velha, uma senhora baixinha, que entrou na escola. O portão estava chaveado, esta mulher tinha a chave. A mãe deixou ela entrar sem pedir documento. Perguntei para uma estudante:

- Quem é esta que passou sem levantar a cabeça e batendo o salto do sapato?

Ela respondeu que era uma integrante da direção da escola.

- Amanhã é que elas vão ficar indignadas mesmo. Não vamos mais deixar elas entrar. Só quem faz parte da ocupação e os apoiadores entram. Não queremos inimigos aqui dentro.

- Como poderia haver uma escola em que a direção é inimiga?

- Enquanto tentarem nos dirigir pela autoridade serão inimigos.

Entrou mais um cara, bufando. Pergunta:

- Quem é o líder aqui? Quem é que tá na frente disso aí?

Uma menina pediu para que ele esperasse um pouco que ela já estava indo chamar.

Quando chegou a menina da comissão de segurança ela perguntou qual era o problema.

- Estão usando drogas dentro desta ocupação. - disse ele raivoso.

Ela respondeu calmamente:

- Tu poderia me dizer onde tu viu alguém usando drogas?

- Eu cheguei hoje no meu andar e tinham várias bitucas de maconha no chão.

Eu já peguei eles fumando lá outras vezes, e agora de novo. Vocês precisam fazer alguma coisa.

A menina chamou uma outra e falou alguma coisa no ouvido, suspeito que ela tenha chamado ajuda, pois outras três meninas chegaram logo depois para apoiar ela na conversa.

O homem reafirmou para as que chegaram:

- Estão usando drogas na ocupação de vocês. Tem bituca de maconha no meu andar. Vocês precisam dizer para eles pararem de fumar aqui dentro, se não eu vou divulgar isso e vai ferrar com o movimento de vocês.

Então uma das meninas pergunta:

- Tu percebeu o uso de drogas só nesta semana?

- Não.
 - Então quer dizer que faz mais tempo?
 - Sim.
 - Antes da ocupação já acontecia?
 - Sim acontecia. Mas segue acontecendo o vocês precisam fazer estas pessoas pararem de usar drogas dentro da escola!
 - Bem, parece que o problema não relação direta com a ocupação, nem a escola conseguiu acabar com isso antes, por que tu acha que vamos conseguir?
 - Vocês tem que mandar eles pararem!
 - Mas aqui, na ocupação, as coisas não funcionam assim. Nós não mandamos em ninguém. Aqui a gente dialoga. Nós conversamos entre nós. O que eu posso dizer é que vou tentar descobrir quem foi e vou falar com eles.
 - Não. Eles tem que parar!
 - Bom, eu não posso te garantir. E por mais que eu não concorde que se use drogas aqui dentro nós estamos usando o diálogo agora e não podemos garantir nada.
 - Mas então isso é uma bagunça! Ninguém manda nada.
 - De certa forma sim. Ninguém manda. Aqui não usamos autoridade. Não somos autoritárias, Dialogamos.
 - Mas assim as coisas não tem como funcionar mesmo!
 - Mas funcionava com o autoritarismo da escola não ocupada? Não né, então.
- A conversa seguiu por mais uma meia hora, as meninas explicando todo o esquema de funcionamento de tomada de decisões, as comissões, as assembleias. Contaram cada detalhe da organização do cronograma intenso pelas inúmeras atividades propostas pelas parcerias. Estavam fazendo um currículo vivo. Explicaram que não pararam de estudar e que estavam indo muito além.
- Em um suspiro o homem disse:
- No meu tempo da escola militar tudo era muito diferente, mas parece que vocês estão fazendo uma coisa muito bonita aqui. Vocês se respeitam além das hierarquias. Eu achava que não era possível haver este tipo de relação.

No dia seguinte às ocupações

Universidades, movimentos sociais, grupos de teatro, produtores culturais, educadores autônomos, produtores rurais, sindicatos, bandas, bandos, trupes, caravanas, malabarismo, poesia, ciranda, danças circulares, luta antimanicomial, coletivos de cuidado mútua de crianças. Doação de comida, livros, materiais de limpeza, produtos de higiene. Produção de zine, vídeo, rádio, livro, documentário.

A questão que fica:

- Por que estas produções todas não aconteciam antes?
 - Decisão burocrática centralizada e inacessível;
 - Falta de tempo na grade de entupimento curricular;
 - Ausência de disposição da autocracia hierárquica;
 - Interditos ilusórios da manutenção do poder;
 - Distanciamentos institucionais frígidos;
 - Excesso de carga horária de conteúdos desnecessários;
 - Mal entendimento da noção de dia letivo;
 - Portas cerradas para a comunidade??????

Entre seguir acontecendo exatamente o que já acontecia e experimentar uma organização autogerida do tempo e do espaço escolar, o que faz aprender mais?

Professora Libertária

Na ocupação da escola em que estagiei encontrei uma professora, agora ex-professora, se é que é possível largar esta instituição do corpo. Agora ela é mãe. Dois filhos ocupam a escola. Ela não consegue professorar. Depois da ocupação mal consegue ser mãe. Disse ela que sempre acreditou na gurizada, nunca desconfiou das capacidades de autonomia e dos potenciais de criação dos estudantes. Sempre incentivou a liberdade e promovia aulas provocativas. Meio consternada desabafou.

- Olhando para este movimento agora, percebo como me achava muito revolucionária, mas não passava de uma medrosa careta. Eu sabia dos potenciais deles (os estudantes) mas eu seguia minha mania pedagógica de conduzir PARA algum lugar. Era EU que conduzia, EU que pautava os temas, EU construía as aulas, EU planejava os conteúdos de maneira divertida. Este EU, esta minha crença no protagonismo exclusivo do professor. Acreditar que a responsabilidade de mudar as coisas era minha, que EU era capaz de causar transformação na vida deles. Eu não passava de uma professora libertária dentro de um sistema prisional. E olha só agora. Todos são capazes de se virar sozinhos. E eu perdi minha autoridade até de mãe. E pasmem! Não precisava. Agora meus filhos fazem muito mais tarefas que faziam antes. Eles nunca tinham cozinhado um ovo. Agora fazem a refeição da ocupação. Eles não limpavam nem o próprio nariz, agora varrem o chão sem ninguém pedir. E em casa eu não consigo mais dar um simples conselho. Eles me olham com aquela cara de "mãe para com isso" e dizem que sabem suas responsabilidades. Tudo isso me disparou o entendimento de que toda a autoridade que acreditamos fundamental para manter a ordem é o que destrói as possibilidades de organização.

Eu que antes achava que poderia falar alguma coisa importante fiquei calado. Só consegui fazer mais uma pergunta:

- Qual foi teu grande aprendizado com isso tudo?

- O medo. A superação do medo. A identificação do medo. EU não sabia o que poderia acontecer quando soltasse qualquer ordem. Eu não sabia o que poderia acontecer se eu não dissesse nada, não propusesse nada. Eu tinha medo que nada seria feito, tinha medo que fizessem besteira, que fizessem tudo errado. Mas tomei tapa na cara. Tomei um banho. Tomei uma goleada. Algumas mães e professoras

participaram do movimento desde o início, claro, visualizamos o momento histórico de longe, e não poderíamos estar de fora. Mas cada coisa que falávamos para ajudar já tinham sido resolvidas, nos vimos desnecessárias. Eles esfregaram em nossa cara com a prática de autogestão que eles podem, que eles sabem, que eles são capazes. E principalmente, nos destruíram a autoridade. Mostraram para as mães e professoras que não precisam delas para saberem o que fazer. Inclusive nos afastaram das assembleias por acharem que só falamos chatices. E o pior, temos que baixar a cabeça e assumir que todo nosso controle só fazia a vida deles miserável.

Afinal de contas. Precisamos de educação libertária ou simplesmente de práticas de liberdade?

mais soltas

Prender uma pessoa dentro de uma sala é cárcere privado.

Prender 40 é uma aula.

Não deixar alguém falar sua opinião vai contra a liberdade de expressão.

Privar uma turma inteira é ensinar.

Todo brasileiro pode se reunir livremente sem restrições do estado.

Exceto nos intermináveis anos escolarizados, em que toda reunião é imposta.

Entendo as coisas tão fora de qualquer linearidade que às vezes acho difícil terminar uma só linha no mesmo raciocínio.

Abandonar dogmas, abandonar dogmas.

Abandonar doxas. Mas não todos.

Deixar de parar. Deixar de "para".

Fluxo digma sem dogma.

Só um pouco.

Carregar certezas é como ter um muro ao redor de si.

Acima do muro alguém tenta conversar. Dentro do muro tem medo. O cimento que faz as paredes é a fraqueza, tijolos de amedrontando. Terror de não ser alguma coisa. O diferente ameaça o que não sou. Não sendo cerco a vida. Os muros rodeiam todos os lados. Ainda mais medo. Cuspe, lágrimas, mijo e sangue. Vai inundando. Muros contém os fluxos. Já não há como respirar. Marretas, precisamos de marretas. Mas que se faça a demolição por dentro.

A vertigem do abismo que nos cerca nos faz erguer muros ao redor.

Não há outra educação possível. Há outra maneira de se encontrar.

Confissão lamentável.

Não consegui executar neste projétil muitas vontades. E não sei se este não fazer faz parte do conteúdo inexistente?

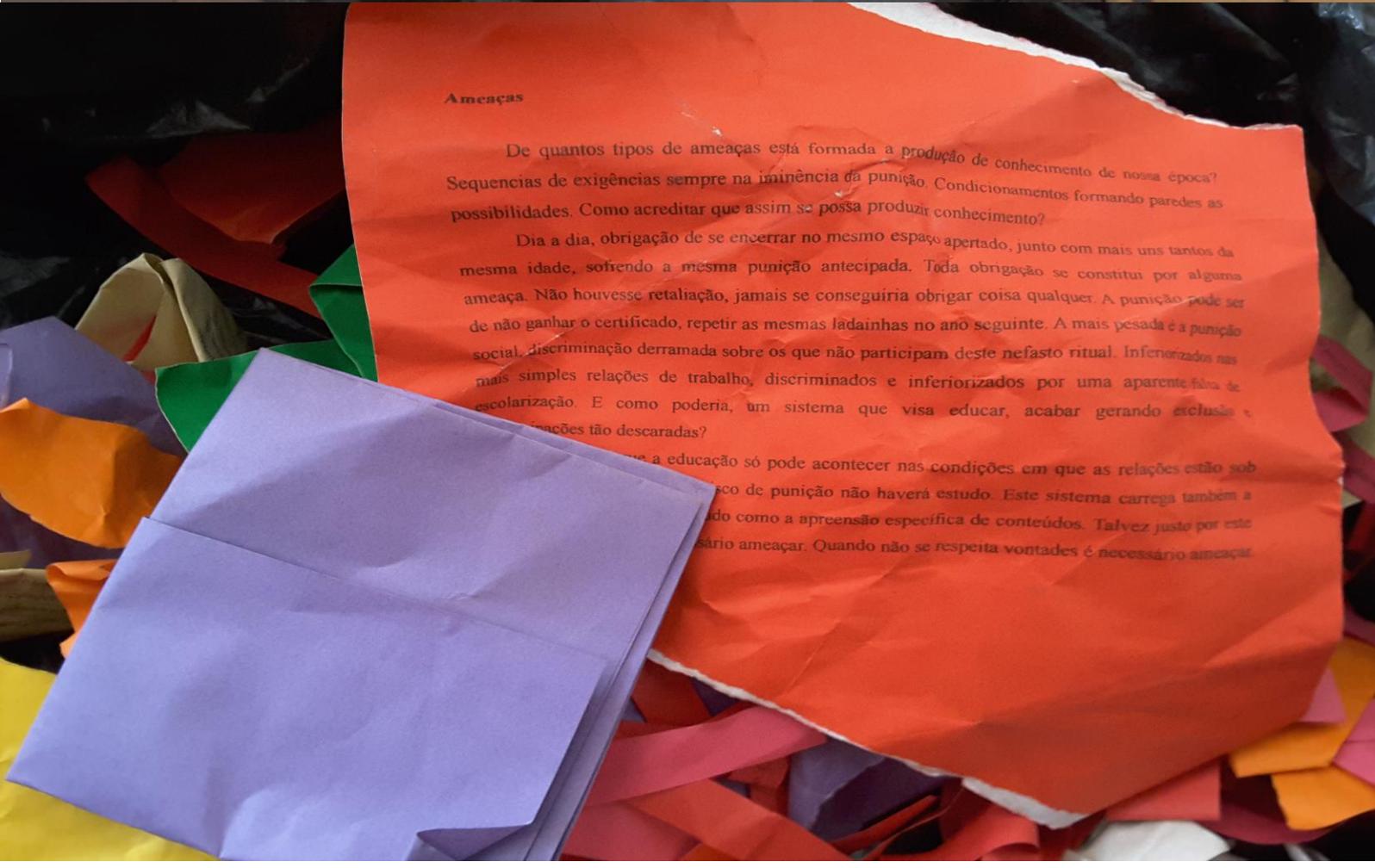
As coisas que não vieram, inclusive, talvez sejam mais importantes.

Maldito buraco negro, sempre fica com a parte mais divertida.

O bom nas composteiras é que a gente joga as coisas ali e elas trabalham em decomposição sem nada de nossa atenção.

O que não consigo digerir joga numa composteira.

composições
em
processo

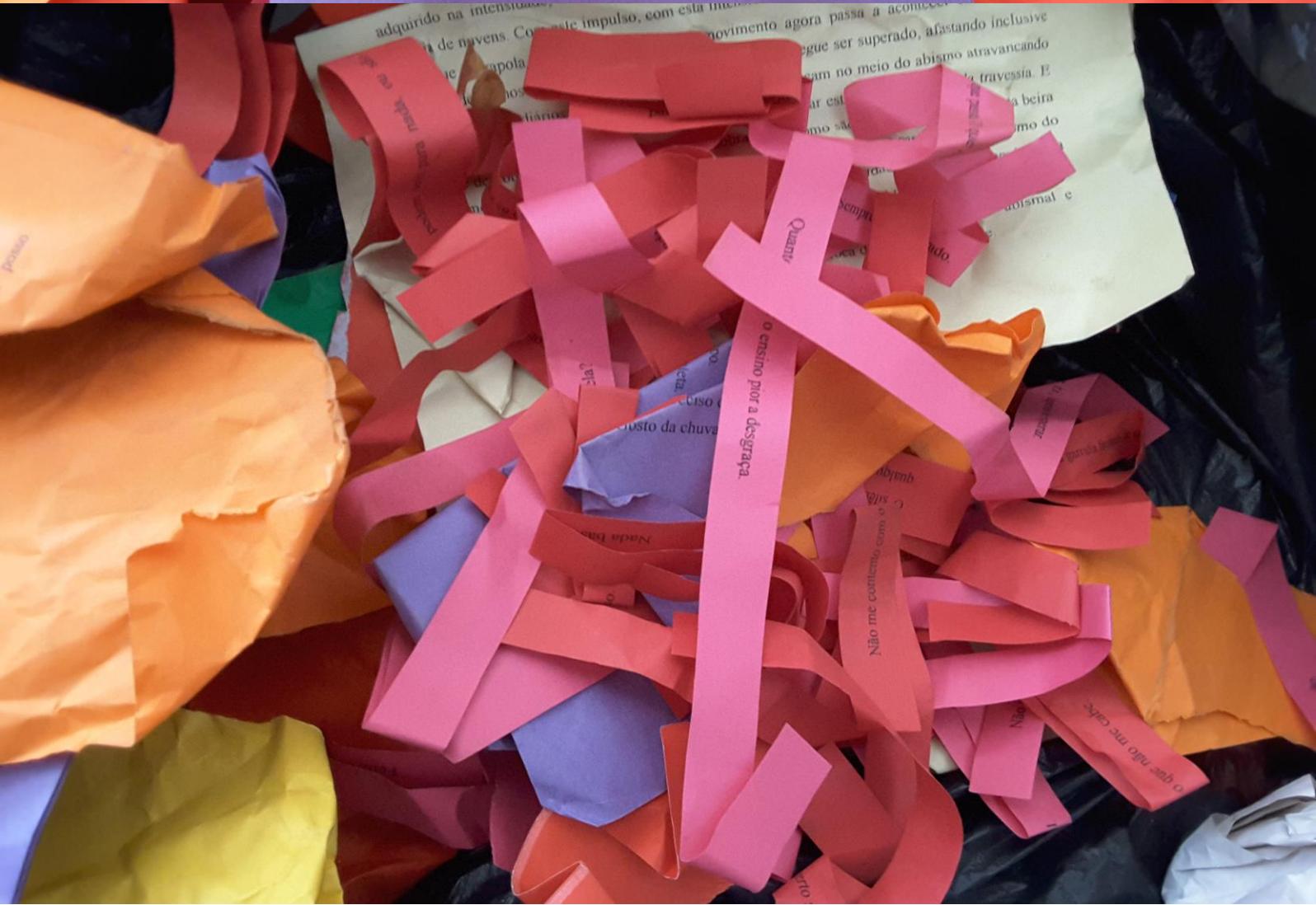
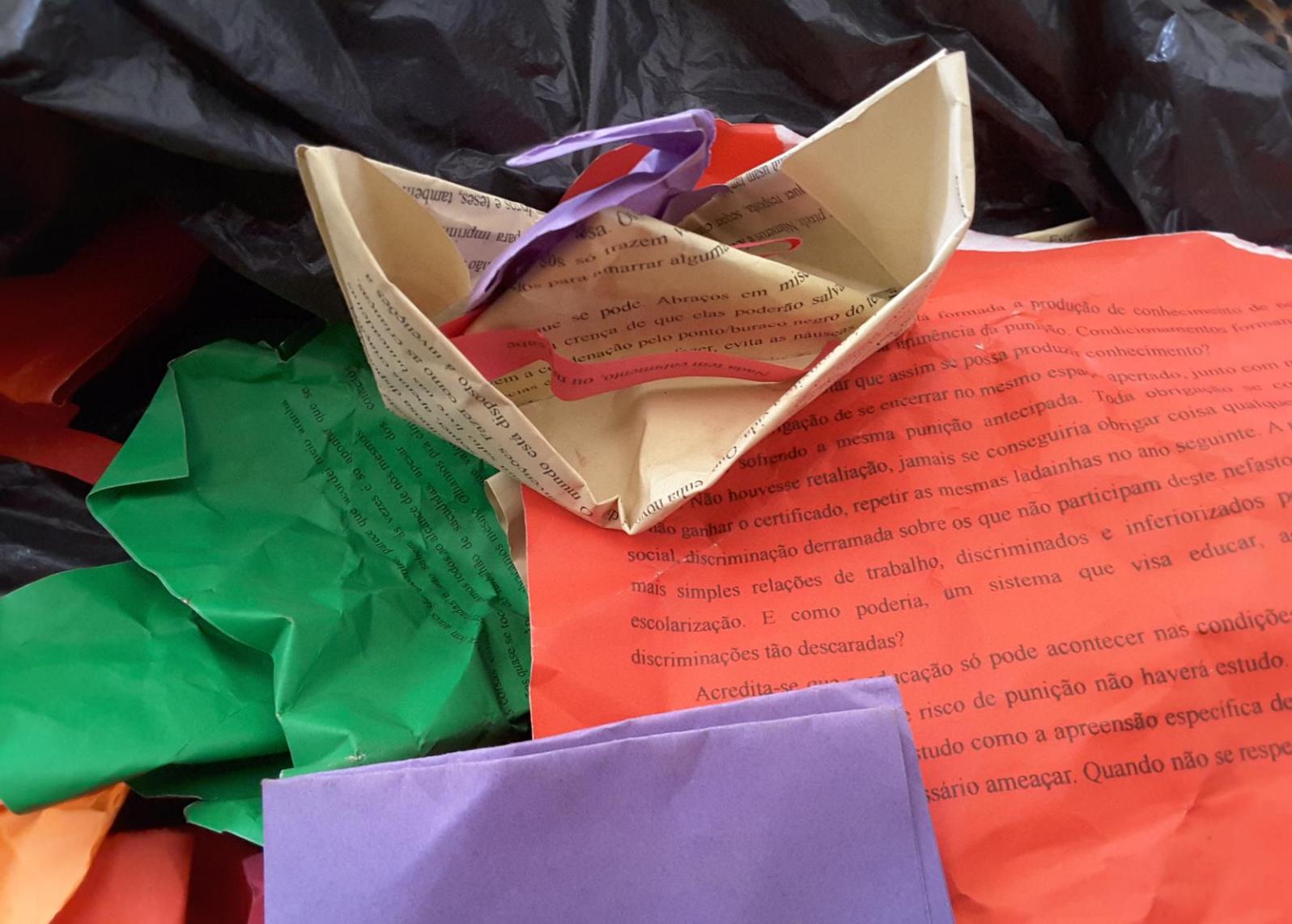


Ameaças

De quantos tipos de ameaças está formada a produção de conhecimento de nossa época? Sequências de exigências sempre na iminência da punição. Condicionamentos formando paredes as possibilidades. Como acreditar que assim se possa produzir conhecimento?

Dia a dia, obrigação de se encerrar no mesmo espaço apertado, junto com mais uns tantos da mesma idade, sofrendo a mesma punição antecipada. Toda obrigação se constitui por alguma ameaça. Não houvesse retaliação, jamais se conseguiria obrigar coisa qualquer. A punição pode ser de não ganhar o certificado, repetir as mesmas ladainhas no ano seguinte. A mais pesada é a punição social, discriminação derramada sobre os que não participam deste nefasto ritual. Inferiorizados nas mais simples relações de trabalho, discriminados e inferiorizados por uma aparente falta de escolarização. E como poderia, um sistema que visa educar, acabar gerando exclusão e punições tão descaradas?

... a educação só pode acontecer nas condições em que as relações estão sob o signo de punição não haverá estudo. Este sistema carrega também a ideia de que o conhecimento é apreendido como a apreensão específica de conteúdos. Talvez justo por este motivo seja necessário ameaçar. Quando não se respeita vontades é necessário ameaçar.





Melhor não ter melhor.

Não há possível busca de
Qualquer tentativa de melhorar é perigo
comparação, exige contraposição, polar
Melhor exige evolução, linearidade, su
para cima, direciona. Melhor condena o

Qualquer melhoria é caga
insatisfação. Desatino de não con
Apontar o melhor

ença limitada do que seja estudo como a
ez justo por este pensamento é que se faz
eita vontades é necessário ameaçar.

Não há outra educação

Mais Soltas

Prender

Não de

el.

ne

viver

om a parte

as as cois

Fam(ilha)

Família enquanto ilha, enquanto

separada, unidade coesa

“Cuidado” enquanto

enquanto câ

Enquanto

! ? !

Respostas divertidas ou respistas

A desescolarização não é uma coisa só, portanto deveria ser tratada como "as desescolarizações". A desescolarização não é a negação da escola e também não é uma oposição à escolarização. Desescolarização talvez seja a abertura a uma multiplicidade de possibilidades de criação de processos educativos. É uma máquina de produzir modos e maneiras de aprender mundo, de criar mundo. A desescolarização abre uma oportunidade de operar dentro de uma lógica não definidora, de uma lógica não restrigente, sem definição operária. A desescolarização opera por relações sem fundamento, sem cabimento, num ego aberto, deslizando.

Na desescolarização não se carregam pilhas de conhecimentos prontos a serem ensinados, não se visa a transmissão de doutrinas certas, portanto não visa chegar à certeza. A desescolarização é justamente o investimento na dúvida, no mistério como operação possível para a criação de possibilidades de encontros. A desescolarização desvia do medo que constitui as paredes, as grades, os uniformes; desvia da desconfiança que gera currículos largos, planejamentos extensos. Não acredita na estratégia de usar certificados e diplomas para discriminação. A desescolarização investe nestes desvios justamente para que os certificados e diplomas que dese-

Êxtase-ficção

Todo indivíduo é uma ficção. Da multiplicidade de si se faz ilógico, infiel a si mesmo, contraditório. Quanto sofrimento pode habitar um homem que se entende ficcional? Pode então se tornar invento de sua ficção. Algumas páginas para segurar e sacudir ao vento, levantando aos céus em louvor, exclamando e reivindicando ser ele algumas simples páginas. - Por favor me deixem ser algumas páginas por algum tempo! Pelo menos algumas finas páginas!

Alguns elaboram um pouco mais e resolvem colocar até capa, algumas páginas para sua ficção. Se algumas com título em relevo. Feliz daquele personagem que consegue dizer si mesmo que consegue realiza aceitando a mentira do que é, e reconhece a falsidade da existência. Este que consegue honrar sua invenção, se deleitar com ela, sem demasiados apêndices e anexos, adquirir a missão de êxtase.

Sem qualquer explicação ou justificativa vivem o texto, papel empilhado, para germinação. Cria de capacidades inventivas. O texto, papel empilhado, parece um jardim onde qualquer coisa pode crescer. Tudo como dança.







Nota final

As fotos que iniciam e finalizam este trabalho são registros de minha autoria e da orientadora. Estas **composições em processo**, assim como as imagens iniciais, tentam expressar a apresentação desse trabalho para a banca. Originalmente o trabalho começou com os textos junto a folhas de vegetais secas, dispersos num saco de lixo, sendo as cópias dos textos, todos fragmentados, entregues para os examinadores em sacos de lixo. A inclusão das imagens são uma tentativa limitada de condensar em um arquivo digital o formato interativo e ilimitado desta dissertação, cujos efeitos se dão para além dos trâmites acadêmicos e habituais registros de pesquisa, tendo em vista a circulação e exploração do saco, objeto nunca finalizado, em múltiplos espaços de convivência coletiva. Os textos contidos aqui não conseguem contemplar as impressões sensoriais, o aspecto material, as múltiplas possibilidades perceptivas e afetivas de uma criação que acontece nas relações, interações e explorações.

Bibliografia

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. **Educação Potencial: Autocomédia do Intelecto**. 2013. 194 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ARTAUD, Antonin. **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: Lp&m, 1986.
_____. **Escritos de um Louco**. Disponível em:
<<http://www.geocities.ws/unigalera1/antonin.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1989.
_____. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Tradução Leyla Perrone-Moisés.
_____. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
_____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENSUSAN, Hilan. **Excessos e Exceções: Por uma Ontologia Sem Cabimento**. Aparecida: Idéias e Letras, 2008.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. Organização Renato Sztutman.

CIORAN, Emile M.. **Breviário de Decomposição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. **Noologia do currículo: Vagabundo, o problemático, e assentado, o resolvido**. Educação & Realidade, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 27, n. 2, p. 131-142, jul./dez. 2002. Tema do fascículo: Dossiê Gilles Deleuze

COSTA, Cristiano Bedin da. **Corpo em Obra: Palimpsestos, Arquitetônicas**. 2012. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos: Textos e entrevistas (1953-1974)**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix.. **O que é a filosofia?**. (p. 259-279). Tradução de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DONALD, James et al. **Pedagogia dos Monstros: Os Prazeres e os Perigos da Confusão de Fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Organização e traduções Tomaz Tadeu da Silva.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos vol III: Estética - literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche como Psicólogo**. São Leopoldo: Unisinos, Coleção Focus 6, 2001.

GIROTTTO, Nara Lúcia. **Carmesim**. 2011. 163 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue: As Vertingens do Pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ILLICH, Ivan. **Sociedade Desescolarizada**. Porto Alegre: Deriva, 2007. Tradução Luciana Reis.

JACQUES, Carmen. **Palavra Cítrica**. 2011. 183 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. São Paulo: Iluminuras, 2012.

_____. **Distraídos Venceremos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MELLO, Jamer Guterres de. **INSENSATO: um experimento em arte, ciência e educação**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2010.

MUNHOZ, Angelica Vier. **Coreogeografias**. 2009. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Tradução de Paulo Cezar de Souza.

_____. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Tradução de Paulo Cezar de Souza.

_____. **Assim Falava Zaratustra: Um Livro Para Todos e Para Ninguém**. São Paulo: Logos, 1954. Tradução Mario Ferreira dos Santos.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução de Paulo Cezar de Souza.

_____. **Humano Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução de Paulo Cezar de Souza.

_____. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**.

SOBRINHO, N. (Org.) **Escritos Sobre Educação**. Friedrich Nietzsche, São Paulo, Loyola, 2012. p. 49-160

_____. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral**. Obras incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PACHECO, Eduardo Guedes. **Por ums (Des)Educação Musical**. 2011. 92 f. Tese (Doutorado) - Curso de P, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos de Chão: A natureza, o imaginário e o brincar.** São Paulo: Peirópolis, 2016.

STIRNER, M. **O falso princípio da nossa educação.** São Paulo, Imaginário, 2001.

SCHULTZ, Valdemar. **InSuportes para aulas de artes: continentes e ilhas em papel A4.** 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2011.

ZORDAN, Paola. **Arte com Nietzsche e Deleuze.** Educação & Realidade, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 30, n. 2, p. 261-272, jul./dez. 2005. Tema do fascículo: Dossiê Arte e Educação. Arte, Criação e aprendizagem.

_____. **Aulas de Artes, espaços problemáticos.** Cadernos de Aplicação, UFRGS/Colégio de Aplicação, Porto Alegre, v. 20, n. 22, p. 279-294, jul./dez. 2007.

_____. **Criação na perspectiva da diferença.** Revista Digital do LAV, UFSM/Centro de Educação, Santa Maria, v. 5, p. 1-12, 2010a. Disponível em: Acesso em: 20 set 2016.

_____. **Disparos e excesso de arquivos** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 20., 2011, Rio de Janeiro. Subjetividades, Utopias e Fabulações. Rio de Janeiro, 26 set. – 1o out. 2011. Disponível em:

<http://www.anpap.org.br/documentos/pesquisadores_anpap_2011.pdf> Acesso em: 16 ago 2016.

_____. **Educar com Poesia: Malha em Carne e Vida Institucional.** Porto Alegre: Indepin, 2014.